



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

LEIDIANE MONTEIRO ROLAND

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA ARTICULAÇÃO DO  
PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR**

São Luís

2016

LEIDIANE MONTEIRO ROLAND

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA ARTICULAÇÃO DO  
PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão,

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>Ma. Francilene do Rosário de Matos

São Luís

2016

Roland, Leidiane M.

LEIDIANE MONTEIRO ROLAND

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA ARTICULAÇÃO DO  
PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão,

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>Ma. Francilene do Rosário de Matos (Orientadora)  
Mestre em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

---

  

---

Às minhas filhas Lavínia e Lya que são hoje as  
minhas maiores inspirações.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de ingressar neste curso tão desejado por mim durante muitos anos.

À toda a minha família, em especial a minha mãe Maria Célia, pois tudo o que sou devo a ela.

Ao meu marido Lucas Fernandes e as minhas filhas Lavínia e Lya que me apoiam em todas as minhas decisões e estão sempre do meu lado para tudo.

À professora Francilenedo Rosário Matos por todo o acompanhamento deste trabalho, ela foi a grande incentivadora para que concluíssemos este trabalho.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes neste curso e no desenvolvimento desta monografia.

Aos amigos e colegas de curso, pelo compartilhamento de saberes e pelo apoio constante.

*A consciência da complexidade nos faz compreender que não poderemos escapar jamais da incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: 'a totalidade é a não verdade'.*

*Edgar Morin*

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal, analisar o papel do coordenador pedagógico no planejamento interdisciplinar. Através da construção de um referencial teórico baseado nas concepções de Fazenda, Japiassu, Morin, Libâneo a fim de identificar os principais fatores que influenciam o processo de consolidação do planejamento interdisciplinar e reconhecer a função do coordenador pedagógico como articulador e mediador da organização do trabalho pedagógico no Centro de Ensino José de Anchieta, instituição escolar da cidade de Pinheiro que oferta o Ensino Médio Regular. Utilizou-se observações e entrevistas como instrumentos de coleta de dados, e como sujeitos envolvidos estavam os professores e o coordenador da escola. Portanto verifica-se que a figura do coordenador na escola é primordial para a implementação de uma prática interdisciplinar, pois ele é o elo entre os professores e o mediador entre as relações sociais presentes na escola.

**Palavras Chaves:**Planejamento, interdisciplinaridade, coordenação pedagógica.

## ABSTRACT

(em inglês)

**Key Words:**

## **LISTA DE SIGLAS**

DCN – Diretrizes Curriculares Nacional

DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacional do Ensino Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacional

PPC – Proposta Pedagógica Curricular

PPP – Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	
2	<b>A EDUCAÇÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE.....</b>	
	2.1 Interdisciplinaridade: conceitos e concepções.....	
	2.2 Importância do planejamento para a organização do trabalho pedagógico interdisciplinar.....	
	2.3 A atuação do coordenador pedagógico no planejamento interdisciplinar.....	
3	<b>ALGUNS FATORES QUE INFLUENCIAM O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR .....</b>	
	3.1 A formação docente e a interdisciplinaridade.....	
	3.2 O trabalho coletivo e a interdisciplinaridade.....	
	3.3 O currículo e a interdisciplinaridade.....	
4	<b>ANÁLISE DA PESQUISA.....</b>	
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	
	REFERÊNCIAS .....	

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia trata sobre o tema do papel do coordenador pedagógico na articulação do planejamento interdisciplinar, uma percepção dos desafios e das dificuldades enfrentadas para que esse tipo de planejamento se consolide no Centro de Ensino José de Anchieta.

Todos os documentos orientadores do sistema educacional brasileiro direcionam ou determinam a prática do planejamento interdisciplinar nos contextos escolares, entretanto, em muitas escolas, planejar interdisciplinarmente, ainda é algo que não faz parte da rotina da escola. Uma realidade também presente na escola José de Anchieta. Mediante esta constatação questiona-se: Qual o real papel do coordenador pedagógico na articulação do planejamento interdisciplinar? Quais os desafios do coordenador pedagógico para tornar a prática do planejamento interdisciplinar uma atividade rotineira dos professores? Quais são os principais fatores que dificultam essa prática?

O planejamento é um momento imprescindível entre professores, coordenador e gestor, pois aqui são definidas as ações de trabalho e para isso é importante saber o que a escola almeja, qual a sua meta, o que deve fazer para conseguir seus objetivos e estruturar a organização do trabalho pedagógico. Para que a escola cumpra com sua função social no contexto sociocultural, deve ter uma ação educativa bem planejada.

Os momentos de planejamentos são importantes para melhoria da prática em sala de aula, e conseqüentemente, o processo ensino e aprendizagem, não se realizam na escola C.E. José de Anchieta como deveriam. A maioria dos assuntos tratados nos encontros coletivos estão longe de serem pedagógicos, falta de organização da pauta, falta regularidade dos encontros, e a ausência dos professores nos dias de encontro são alguns entraves a serem superados pelo coordenador pedagógico. Falta estímulo ao professor, que mesmo consciente da sua função de planejar, não valoriza a importância dos momentos de planejamento coletivo, muitos acham uma perda de tempo.

O coordenador pedagógico é um articulador de ações dentro do ambiente escolar, ele deve oportunizar espaços e tempos dentro da rotina escolar para que a escola cumpra seu papel como instituição social responsável pela formação de sujeitos críticos e participativos rumo à consecução de um ideário de uma sociedade. E só por meio do planejamento que toda a organização do trabalho pedagógico da escola é definida, essencial para o aprimoramento profissional de todos que fazem a escola e um instrumento eficiente para a melhoria do ensino.

Este profissional é peça fundamental para a implementação da organização do trabalho pedagógico na escola, pois é função dele articular, organizar e intervir em ações de melhoria do processo ensino e aprendizagem. Ainda mais quando se fala em planejamento interdisciplinar, pois esse profissional é o mediador que deve proporcionar aos professores momentos de diálogo e compartilhamento de saberes.

O planejamento interdisciplinar é mais um grande desafio a ser superado, este planejamento requer dedicação e esforço da equipe escolar em idealizar uma prática pedagógica elaborada no coletivo, articulando a uma proposta curricular na qual as disciplinas dialogam entre si, o que de fato, não acontece na escola.

Trabalhar interdisciplinarmente é um ato que exige dedicação e empenho dos professores. O planejamento interdisciplinar é um dos caminhos na busca pela melhoria da qualidade do ensino e o coordenador pedagógico como ator principal do processo de articulação e organização do trabalho pedagógico é o responsável pela reflexão sobre a prática e corresponsável pela aprendizagem dos alunos.

O planejamento é, inclusive, um direito dos profissionais de Educação e uma forma de valorizá-los prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN. O Plano Nacional de Educação-PNE de 2001, recomendou reservar de 20 a 25% da jornada para o aperfeiçoamento fora da sala de aula. Atualmente é garantido ao professor um terço da carga horária para atividades extraclasse, isto inclui atividades para realização de projetos, planejamento individual, correção de provas e a formação coletiva. Segundo (Souza, 2005 p.17) “O trabalho coletivo possui uma natureza (sempre) coletiva. Essa afirmação se sustenta no pressuposto de que todas as ações na escola, ainda que decididas e executadas individualmente, convergem para o mesmo alvo: a formação do aluno”.

Planejar interdisciplinarmente requer antes de tudo uma reorganização curricular, sob comando do coordenador e do gestor, mas com a participação efetiva dos professores, pois estes são os verdadeiros especialistas nas suas disciplinas e seus respectivos objetos de estudos. O conceito de interdisciplinaridade diz respeito à interação das disciplinas, ao diálogo entre os conhecimentos produzidos pelas diferentes disciplinas, com o objetivo de compreender melhor os processos, os fenômenos e as práticas sociais, culturais e físicas que constituem a realidade. Desta forma facilitando o entendimento e a compreensão de mundo que contribuem para uma aprendizagem mais significativa dos alunos.

Compreender os fatores que impendem e dificultam essa prática na escola é o primeiro passo para se consolidar um trabalho coletivo efetivo no Centro de Ensino José de

Anchieta. Além de melhorar os encontros pedagógicos e conseqüentemente a prática interdisciplinar dos professores em sala de aula.

A organização do trabalho pedagógico na perspectiva interdisciplinar deve partir da realidade concreta, mas com objetivo na construção de uma realidade desejada, pois planejar vai além de conhecer a realidade e mantê-la em funcionamento. Um planejamento interdisciplinar requer uma transformação desta realidade em busca de uma nova. Com vistas à superação da fragmentação, da divisão dos conhecimentos e dos conteúdos desconectados, prática ainda de um modelo tradicional que visa um estudo propedêutico das disciplinas individuais.

O sucesso do trabalho pedagógico do coordenador depende, antes de tudo, construir uma prática reflexiva das demandas e problemáticas relativas ao seu campo de atuação. O ideal é que o planejamento interdisciplinar seja um processo contínuo e permanente no ambiente escolar. As ações pedagógicas devem ser planejadas coletivamente, e isso requer trabalho, esforço, dedicação e envolvimento de todos, e o coordenador é peça-chave nesse processo de articulação entre as partes. Ele deve oportunizar e fomentar momentos de estudo, planejamento, acompanhamento e avaliação dos processos pedagógicos interdisciplinares na escolar, sempre com foco na função social da mesma, no processo ensino e aprendizagem e na formação humana integral dos estudantes.

O presente estudo monográfico tem como objetivo geral analisar o papel do coordenador na articulação do planejamento interdisciplinar entre os professores. Com o intuito de construir um referencial teórico sobre a atuação do coordenador pedagógico no planejamento interdisciplinar. E identificar os principais fatores que influenciam o processo de consolidação do planejamento interdisciplinar na escola, conhecendo quais ações a escola já promove na perspectiva de interação entre as disciplinas. Para que desta forma possa ser reconhecida a função do coordenador pedagógico e dos professores em um processo de construção do planejamento interdisciplinar.

Quanto à abordagem desta pesquisa foi do tipo etnográfica, visto que é uma pesquisa qualitativa com correntes filosóficas da fenomenologia e do marxismo, que considera a realidade dinâmica e em permanente interação e transformação. Buscando conhecer e compreender os pontos de vistas dos sujeitos envolvidos na pesquisa e descrever seus significados. Como afirma Lima (1996)

A etnografia é uma metodologia propícia para descobrir a maneira de viver e as experiências das pessoas – a sua visão do mundo, os sentimentos, ritos, padrões,

significados, atitudes, comportamentos e ações. Esta perspectiva permite apreender o fenômeno humano na sua totalidade. (LIMA, 1996, p. 7)

No campo educacional a pesquisa com inspiração na etnografia é uma forma de apartir da realidade interpretar os fatores que influenciam no contexto escolar, reconhecendo que a realidade é uma construção social. Ainda Lima (1996, p.7) diz que esta pesquisa “É um estudo de significado da ‘vida diária’”.

Esta pesquisa foi realizada no Centro de Ensino José de Anchieta, escola da Rede Estadual de Ensino do Maranhão. Que oferece o Ensino Médio na modalidade regular e EJA. Os sujeitos envolvidos foram alguns professores da 3ª série do Ensino Médio na modalidade regular e o coordenador pedagógico da escola. A análise foi realizada na observação das reuniões pedagógicas, na organização do trabalho docente e no cotidiano da sala de aula.

Primeiramente, buscou-se a pesquisa bibliográfica sobre a temática para compreender o que estudiosos e pesquisadores tratam deste tema na tentativa de mediar teoricamente e também metodologicamente os passos da pesquisa. Para posteriormente relacionar os estudos teóricos à prática encontrada na realidade escolar.

A técnica adotada para a busca dos dados para esta pesquisa foi a entrevista. Neste caso a semiestruturada que segue um roteiro previamente estabelecido, mas que tem uma flexibilidade, a entrevista é o momento da interação entre pesquisador e entrevistado que a partir do diálogo consegue alcançar as concepções, as ideias e os conceitos dos entrevistados. Primeiramente foi realizada com um coordenador pedagógico e posteriormente com alguns professores da 3ª série da escola, do turno vespertino, um professor de Matemática, um de Língua Inglesa, um de Língua Portuguesa e um de História.

Os principais autores que embasaram este trabalho foram às concepções de Ivani Fazenda e Hilton Japiassu, ícones da temática da interdisciplinaridade no Brasil. Além de outros autores e estudiosos renomados e de suma importância para a compreensão e análise desta pesquisa.

A segunda seção deste trabalho monográfico abordará sobre a educação e a interdisciplinaridade, neste momento serão discutidos os conceitos e as diversas concepções sobre a interdisciplinaridade dos maiores autores da área. Tratar-se-á às leis vigentes da educação nacional que orientam um ensino na perspectiva interdisciplinar. Além disso, também será discorrido sobre a importância do planejamento para a organização do trabalho pedagógico e o papel do coordenador pedagógico na atuação do planejamento interdisciplinar.

Na terceira seção serão expostos alguns fatores que influenciam o processo de consolidação do planejamento interdisciplinar na escola. Dentre eles: a formação docente, o

trabalho coletivo e o currículo. Como eles interverem no trabalho pedagógico da escola e qual a função do coordenador na articulação de cada um destes fatores.

Na quarta e última seção serão analisados os resultados da pesquisa. Constata-se através desta que os fatores discutidos neste trabalho, de fato, interferem para que se elabore um planejamento genuinamente interdisciplinar e reconhece que o coordenador pedagógico tem papel de extrema importância na mediação da organização do trabalho pedagógico da escola.

## 2 A EDUCAÇÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE

### 2.1 Interdisciplinaridade: conceitos e concepções

Há cerca de quatro mil e quinhentos anos surgia a escrita, posteriormente a invenção da matemática e a expansão dos estudos das artes, decorrendo daí a criação da escola. Por muitos anos as escolas da Grécia e do antigo Egito concentravam suas atividades no ensino da leitura e escrita, mas restrita as classes dominantes.

Os conhecimentos exigidos nas escolas foram se ajustando com o desenvolvimento da humanidade, as áreas de conhecimento especializavam-se cada vez mais e as disciplinas foram definindo seus espaços. O homem transforma sua realidade de acordo com a necessidade, é que o difere dos outros animais.

Por volta dos séculos XIX e XX a educação sofre várias influências das ideias positivistas. No Brasil os pensamentos de Augusto Comte (1798-1895), referência principal da corrente positivista, só chegaram na década de 70 e fizeram-se presentes na escola tecnicista, defendiam o ensino das ciências em detrimento ao ensino tradicional muito voltado ainda para a religiosidade. Como ratifica Iskandar (2002),

A classificação das ciências proposta por Comte tem reflexos na educação em função da fragmentação do conhecimento e da especialização. O conhecimento fragmentado levou à elaboração de currículos multidisciplinares, restringindo qualquer tipo de relação entre diferentes disciplinas. (ISKANDAR 2002, p. 4).

Esse currículo dividido em diversas disciplinas que até hoje encontramos nas escolas ainda é resquício de uma educação voltada ao positivismo, que enraizou e naturalizou-se nas escolas como a melhor forma, até então, de fazer educação. Fazenda(2008) afirma que,

Especializado, restrito e fragmentado, o conhecimento passou a ser disciplinado e segregador. Estabeleceu e delimitou as fronteiras entre as disciplinas, para depois fiscalizá-las e criar obstáculos aos que as tentassem transpor. (FAZENDA, 2008, p. 67)

Com desenvolvimento das ciências no séc. XX novos campos de saberes foram descobertos. Para que as pessoas possam entender o mundo a sua volta, suas características naturais, físicas, biológicas, sociais, históricas, geográficas etc.

Os movimentos sociais e principalmente estudantis, a luta pelos direitos civis, e as ideias revolucionárias de Marx, Freud, Saussure, Foucault, tiveram um impacto no modo pensar da humanidade. A fragmentação demonstrou-se fragilizada, pois a formação humana exigia uma completude, reivindicava-se uma elaboração de um novo projeto de educação e

escola e uma superação do pensamento positivista da “superespecialização”, isto interferiria diretamente na organização da escola e do seu currículo. Como destaca Morin (2003),

Temos o sentimento acentuado da insuficiência dos velhos métodos científicos baseados na compartimentação, na fragmentação, na redução ao simples e ao lógico matemático. Temos o sentimento que algo envelheceu irremediavelmente nos métodos que conheceram o sucesso, mas que hoje não podem mais responder ao desafio global – diversificado, multiplicado – da complexidade. (MORIN, 2003, p.7)

Diante disso, surge uma visão de “sujeito flexível”, que vive sempre em reconstrução inter-relacionado ao mundo. Sendo um desafio a quem trabalha com educação, exige uma nova maneira de pensar, e construir conhecimentos, rompendo com os modelos tradicionais reducionistas e fragmentados, que não atendem mais este mundo moderno e globalizado.

Na década de 60, pesquisadores europeus, mais precisamente da França e da Itália, com vistas à educação menos segregada iniciam os estudos da interdisciplinaridade. No primeiro momento o estudo foi de base conceitual, pois era necessário estruturar uma definição teórica para enfim chegar à prática.

No Brasil já na década de 70, influenciados pelas ideias de Georges Gusdorf, Ivani Fazenda e Hilton Japiassu iniciavam seus estudos no campo da interdisciplinaridade. Que tiveram dois enfoques: Japiassu se voltou à interdisciplinaridade científica relacionada ao método, à produção, a reconstrução e socialização do conhecimento, trabalho no campo epistemológico; E Fazenda toma o enfoque da interdisciplinaridade escolar, voltado ao pedagógico, à aprendizagem escolar e ao currículo.

A primeira produção significativa no Brasil foi do Hilton Japiassu, onde caracteriza a interdisciplinaridade (1976, p. 74) “pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa”. Para o autor a interdisciplinaridade é um avanço ao ensino tradicional e requer uma constante e aprofundada reflexão sobre o conhecimento. A superação do isolamento entre as disciplinas será possível se houver união a partir de um objeto comum.

Na construção de uma definição de interdisciplinaridade, Fazenda (2008, p. 21) afirma que “o conceito de interdisciplinaridade, como ensaiamos em todos nossos escritos desde 1979 e agora aprofundamos, encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina”. Pois os conhecimentos mesmo que separados disciplinarmente precisam estar conectados. Já que a interdisciplinaridade esta intimamente relacionada à interação entre duas ou mais disciplinas.

Para se compreender a interdisciplinaridade é fundamental entender que as disciplinas são uma organização dentro das diversas áreas do conhecimento e que delimitam os saberes necessários ao aprendizado do aluno. A interdisciplinaridade não pretende eliminar o caráter disciplinar e sim buscar uma integração mútua de conceitos científicos primordiais para a compreensão dos fenômenos sociais, físicos, biológicos ou naturais, haja vista que conhecimentos de uma única disciplina, não são suficientes para explicá-los.

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista, na visão de Morin (2000, p. 43), “rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional”. O ensino somente disciplinar sem inter-relações não estimula o desenvolvimento da aprendizagem, pelo contrário dificulta as conexões entre os conceitos e os fatos, fundamentais para um saber contextualizado e globalizado. Como trata Morim (2000, p. 45), não se pode isolar partes de um todo, os conhecimentos estão correlacionados e a educação precisa desnaturalizar essas fragmentações, ou então, a formação humana integral sempre será ineficaz e incompleta. Nesse sentido, Furlanetto (2011) salienta, que

Entre as abordagens que ganham força a partir da década de 70, pode-se destacar a Interdisciplinar. O prefixo Inter desloca a Interdisciplinaridade do centro dos territórios disciplinares e a instala nas bordas. Ela está destinada a mover-se nas fronteiras de territórios estanques e separados procurando descobrir, brechas e permeabilidades no espaço do “entre” que permitam estabelecer relações. (FURLANETTO, 2011, p. 48)

Na abordagem interdisciplinar os conteúdos das disciplinas se relacionam para uma melhor compreensão do tema estudado e para aprofundar o conhecimento, exigências para uma formação humana integral iniciada no século XX. Sem desmerecer as disciplinas, mas compreende que elas precisam dialogar entre si. Segundo Fazenda (2008), o Centro de Pesquisa e Inovação do Ensino-Ceri em 1970 define interdisciplinaridade como

Interação existente entre duas ou mais disciplinas, verificamos que tal definição pode nos encaminhar da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos-chave da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino, relacionando-os. (Ceri, 1970apud FAZENDA, 2008, p. 18)

Definir interdisciplinaridade não é tarefa fácil, a complexidade está em encontrar o cerne da questão, pois há muitos pontos de vista e não há uma unificação conceitual. Como Fourez (2001 apud Furlanetto, 2011, p. 48) enfatiza “que a tentativa apressada de compreender Interdisciplinaridade como interação entre duas ou mais disciplinas, não é suficiente para explicitá-la”. Fazenda (2008, p. 17) reitera que “se definirmos

interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores”. Pois sua definição vai muito além de uma simples interação entre as disciplinas. E depende de todo o contexto sociocultural dos sujeitos envolvidos.

Diante do exposto, corrobora Santomé (1998) ao reforçar que a interdisciplinaridade,

É um objetivo nunca completamente alcançado e por isso deve ser permanentemente buscado. Não é apenas uma proposta teórica, mas sobretudo uma prática. Sua perfectibilidade é realizada na prática; na medida em que são feitas experiências reais de trabalho em equipe, exercitam-se suas possibilidades, problemas e limitações. (SANTOMÉ 1998, p. 66).

A Interdisciplinaridade escolar é um conjunto de princípios que articulam saberes, teorias e ciências. E na prática visa uma contextualização no ensino de forma mais significativa. Que a formação humana em sua plenitude depende de vários conhecimentos interligados nas suas especificidades. Embora até os dias de hoje não se tenha um único e estável conceito de interdisciplinaridade e nem uma fórmula pronta para sua aplicação. Compreende-se que é uma importante abordagem metodológica a ser desenvolvida na sala de aula e fundamental para a consolidação de uma escola democrática que se preocupa com a formação dos seus discentes.

Na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades, habilidades e técnicas, segundo Fazenda (2008, p. 21), “visam favorecer sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração”. Todas as escolas buscam uma melhoria na aprendizagem dos alunos, visto que, é fator primordial para a concretização de um ensino de qualidade garantido por lei. A interdisciplinaridade é uma das ferramentas significativas para uma verdadeira mudança na educação, pois rompe a divisão hermética das disciplinas e dá significado aos conteúdos escolares.

A escola de hoje busca a superação dessa fragmentação, almeja um currículo capaz de integrar os saberes, as áreas de conhecimento e as disciplinas. Com vistas a atribuir novos sentidos à escola e ressignificar as experiências e os saberes com os quais a escola interage. As novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), principalmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), indicam a necessidade de repensar da organização curricular e da reinvenção na escola.

A escola, face às exigências da Educação Básica, precisa ser reinventada, ou seja, priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida.

A escola tem, diante de si, o desafio de sua própria recriação, pois tudo que a ela se refere constitui-se como invenção: os rituais escolares são invenções de um determinado contexto sociocultural em movimento. (DCNEM, 2013 p. 154)

Os documentos orientadores atuais da educação nacional já dispõem sobre um ensino interdisciplinar. A Interdisciplinaridade exerceu influência já na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 5692/71 e também na mais atual LDBEN nº9394/96. Segundo a orientação do Ministério da Educação (MEC), a interdisciplinaridade não pretende acabar com as disciplinas, mas utilizar os conhecimentos de várias delas na compreensão de um problema, na busca de soluções, ou para entender um fenômeno sob vários pontos de vista.

A DCNEM (2013, p.154) orienta que “os princípios pedagógicos da identidade, diversidade e autonomia, da interdisciplinaridade e da contextualização são adotados como estruturadores dos currículos”. A reflexão trazida pelas atuais DCNEM, perpassa pela ideia de um ensino médio que valorize a formação humana integral e o fazer pedagógico se preocupe com o sujeito que o frequenta, atendendo suas necessidades, suas identidades, suas culturas. O que pressupõe o princípio de um ensino na perspectiva interdisciplinar e nesta etapa de ensino da educação básica se torna necessário à integração curricular.

Uma educação voltada para a formação humana integral, como disposta na DCNEM, é superar práticas sociais excludentes marcadas estritamente por um ensino disciplinar com velhas formas de fazer educação. É pensar em um ensino com vistas à emancipação, com novos sentidos em busca de uma formação que torne o indivíduo um ser autônomo intelectualmente e moralmente.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), cujo objetivo é fazer da sala de aula mais do que um espaço para simplesmente absorver e decorar informações, trata da articulação das disciplinas como fundamental para desenvolvimento do educando e sua formação humana.

A articulação inter-áreas é uma clara sinalização para o projeto pedagógico da escola. Envolve uma sintonia de tratamentos metodológicos e pressupõe a composição de um aprendizado de conhecimentos disciplinares com o desenvolvimento de competências gerais. Só em parte a integração de metas formativas exige projetos interdisciplinares, nos quais diferentes disciplinas tratam ao mesmo tempo de temas afins, durante períodos determinados e concentrados. Mais importante do que isso é o estabelecimento de metas comuns envolvendo cada uma das disciplinas de todas as áreas, a serviço do desenvolvimento humano dos alunos e também dos professores. (PCNEM, 2013, p. 14)

A interdisciplinaridade é, portanto, um instrumento que na proposta de reforma curricular do ensino médio aponta para estabelecer – na prática escolar – interconexões e

passagens entre os conhecimentos através de relações de complementaridade, convergência ou divergência. Em defesa de um currículo menos fragmentado e mais integrado. É primordialmente que seja viável à aprendizagem do aluno.

A Diretriz Curricular da Rede Estadual de Ensino do Estado do Maranhão também reforça a importância do ensino na perspectiva interdisciplinar:

A interdisciplinaridade está intimamente relacionada a uma abordagem metodológica que propicia maior articulação e reflexão entre as diversas disciplinas ou entre as heterogeneidades de uma mesma ciência, garantindo uma análise mais dinâmica e sistêmica da realidade. A interdisciplinaridade não anula a contribuição dos conhecimentos específicos produzidos em cada campo ou área da ciência, pelo contrário, valoriza todo o conhecimento produzido historicamente e busca (re)estabelecer as conexões existentes entre eles. (Diretriz Curricular da Rede Estadual de Ensino do Estado do Maranhão, 2014, p. 26)

Essa Diretriz considera a interdisciplinaridade capaz de fazer entender os fenômenos na dimensão social, natural ou cultural de forma holística, compreende que o conhecimento para se consolidar precisa das diversas áreas interconectadas, como uma rede de relações.

Para que esta ação de torne uma prática em sala de aula é imprescindível que haja na escola um planejamento de forma de interdisciplinar que atenda a todos esses preceitos que regulamentam a educação nacional brasileira.

## **2.2 Importância do planejamento para organização do trabalho pedagógico interdisciplinar**

Todas as instituições de ensino almejam uma educação de qualidade e para que este desejo se torne realidade é necessário definir ações e estratégias através de um planejamento organizado e dinâmico, que atenda aos preceitos legais, no qual todos os sujeitos envolvidos no processo educacional participem ativamente na tomada das decisões. Para isso, a organização do trabalho pedagógico precisa estar bem delineada no Projeto Político Pedagógico da escola.

Tudo na vida começa com um planejamento seja para uma viagem, uma festa etc. Na educação não poderia ser diferente, definir o caminho a ser seguido é o primeiro passo na busca por um ensino emancipador e democrático. Planejar é tomar posicionamentos, é organizar, preparar e estruturar os objetivos que se quer alcançar. Nas palavras de Libâneo (2013, p. 246) “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação

da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Enfim, o planejamento é uma ação voltada para um projeto comum a todos: a função social da escola.

A Escola é um espaço, um lugar de pessoas que ali vivem e interagem tendo como foco principal o trabalho educativo referente ao processo de ensino e aprendizagem. Onde o desenvolvimento de competências e habilidades é objetivado, na busca de construir um projeto de sociedade justa, solidária e democrática, como prescreve a Constituição Federal de 1988. Nessa perspectiva, as ações da instituição em relação aos seus diversos processos e práticas devem ser inscritas e coadunadas com seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

O PPP é considerado um dos instrumentos de construção e consolidação de uma gestão democrática de ensino, visto que o seu processo de elaboração prescinde da participação de professores, alunos e comunidade para que a escola possa cumprir sua função social de efetivar o acesso, a permanência com sucesso dos educandos na instituição e na sociedade como um todo. Todo o planejamento escolar, do currículo, dos procedimentos metodológicos, da avaliação deve partir do PPP, pois este é o documento orientador que retrata a identidade da escola. Segundo Mendel (2008),

Um PPP vivo, construído coletivamente, que contemple as tensões entre a pluralidade cultural e os critérios e padrões inerentes a perspectivas políticas públicas sobre a escola, pode ser um instrumento central para balizar o cotidiano escolar. Pode servir de ponto de referência para decisões que dizem respeito ao funcionamento da escola, à qualidade do trabalho docente e ao desempenho discente, à função da escola em relação à comunidade e à sociedade (MENDEL, 2008, p. 6).

A ação de planejar é uma reflexão da situação da realidade, com vistas à superação das dificuldades e dos problemas vivenciados no dia a dia da escola, é necessário que essa prática do planejamento possa criar possibilidades de intervir e transformar essa realidade.

O conhecimento é a “matéria-prima” do trabalho pedagógico, tudo o que é pensado e executado na escola, é com vistas à aprendizagem dos alunos com foco nas competências e habilidades que serão formadas. Como afirma Perrenoud (2010, p. 49), “desenvolver as competências a partir da escola não é uma moda nova, mas um retorno às origens, às razões de ser da instituição escolar”. Toda a organização do trabalho pedagógico deve estar centrada na formação humana integral do seu discente, função esta da escola. E só por meio do planejamento é que serão definidos como desenvolver essas competências e habilidades nos alunos. O planejamento está intimamente relacionado a um currículo que atenda as necessidades dos alunos e a um processo avaliativo que seja inclusivo e que promova um acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem.

O currículo é o elemento norteador do trabalho pedagógico no ambiente escolar. A escola que reflete seu currículo e cria sua própria proposta, almeja uma educação emancipatória, busca sua autonomia e sua identidade. Colocando sempre em primeiro lugar o processo ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva Libâneo (2013) diz que,

Ao planejarem o processo de ensino, a escola e os professores devem, pois, ter clareza de como o trabalho docente pode prestar um efetivo serviço à população e saber que conteúdos respondem às exigências profissionais, políticas e culturais postas por uma sociedade que ainda não alcançou a democracia plena. (LIBÂNEO 2013, p. 252)

Haja vista que o currículo é a construção social do conhecimento e a garantia da democratização do ensino, comprova-se com a afirmação de Lima (2008, p. 18) de que “um currículo que se pretende democrático deve visar à humanização de todos e ser desenhado a partir do que não está acessível às pessoas”. Planejar um currículo requer além do conhecimento da realidade escolar, valorizar os saberes do cotidiano, que este currículo parta do local para o universal, e que haja uma sensibilidade de compreender que a escola é para todos, e que o desenvolvimento de competências e habilidades se dar de forma individual mesmo que sejam planejadas para o coletivo.

A abordagem de um conteúdo deve ser diversificada e envolver diferentes metodologias, para que desta forma o ensino seja mais democrático e que respeite o ritmo de aprendizagem de cada aluno. A reorganização de uma proposta curricular é fator preponderante para a aplicabilidade de um trabalho na perspectiva interdisciplinar.

Uma escola democrática precisa ser consciente que a avaliação é um processo, e que o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos deve ser constante. A avaliação não é apenas aplicação de provas, diagnosticar se os alunos aprenderam ou não os conteúdos ministrados, e parar nisso. Avaliar sempre tem a intenção de melhorar as ações, de provocar mudanças na forma de agir e pensar. Construir uma escola emancipatória é ter bem definidos seus métodos avaliativos, pois estes orientam para que a avaliação se conceba em um processo contínuo e que cumpra seu papel de formação cidadã.

A avaliação é a peça chave do processo de planejamento do ensino. Como afirma Libâneo (2013, p. 224), “a avaliação é um termômetro dos esforços do professor. Ao analisar os resultados do rendimento escolar dos alunos, obtém informações sobre o desenvolvimento do seu próprio trabalho”. Itens imprescindíveis para a organização do planejamento. Os caminhos que se deve tomar têm que partir de uma avaliação diagnóstica, assim como todo o processo de ensino deve ser orientado a partir de uma avaliação formativa para que no fim da ação de ensino e aprendizagem o ponto de chegada seja uma avaliação somativa.

Planejar é uma das tarefas mais importantes para garantir o sucesso dos educandos. Para tanto, é necessário que a escola tenha um currículo bem estruturado como também as estratégias de avaliação bem organizadas. Pensar nos rumos que se quer seguir exige um trabalho coletivo, mesmo que na prática sejam executadas individualmente, pois uma escola que se diz exercer uma gestão democrática deve oportunizar espaços dentro da rotina escolar para diálogos, discussões e reflexões, sempre valorizando a participação e o envolvimento de todos.

A realização de planejamentos coletivos proporciona à escola momentos de reflexão da prática cotidiana, discussões de suma importância para o ambiente escolar e para o convívio entre as pessoas que fazem a escola. E só através dos encontros coletivos é que será possível pensar em um trabalho na perspectiva interdisciplinar.

Já que a interdisciplinaridade é o grande elo entre as disciplinas e para que esta prática se torne uma realidade na escola, o planejamento deve ser o foco central do trabalho da reorientação curricular e a estruturação de uma proposta viável. Fazenda aborda (2008, p. 21) que o “falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo e didática”. No documento das Diretrizes Curriculares da Rede de Ensino do Estado do Maranhão encontra-se considerações sobre o planejamento de forma interdisciplinar, tais como:

Na escola, trabalhar o conhecimento nessa perspectiva, exige que o trabalho pedagógico seja também planejado de forma interdisciplinar, o que implica criar oportunidades institucionais para a incorporação de hábitos e atitudes interdisciplinares em que o diálogo entre professores e disciplinas estabeleça um canal comum aos conhecimentos específicos, de modo a perceber que os limites das áreas e das disciplinas na busca da compreensão da realidade, podem ser superados. (Diretriz Curricular da Rede de Ensino do Estado do Maranhão, 2014, p. 26)

Só a partir do planejamento interdisciplinar é que serão elaboradas propostas de ação para efetiva realização de um trabalho nesta abordagem na escola, tendo como principal articulador dessa ação: o coordenador pedagógico.

### **2.3 A atuação do coordenador pedagógico no planejamento interdisciplinar**

O coordenador pedagógico é um dos agentes de transformação da escola. O papel desse profissional foi moldando-se com as reformas educativas e as tendências pedagógicas adotadas, passando de um mero fiscal a um articulador de todo trabalho docente na escola, principalmente do planejamento dos professores.

A organização do trabalho pedagógico é tarefa de todos os profissionais que fazem a escola, mas que cabe à coordenação pedagógica o papel de articular esse trabalho conjunto, inclusive, o trabalho docente, para que todos participem ativamente na condução das políticas educacionais que visam à promoção da melhoria da qualidade do ensino. Para Orsolon (2006)

O coordenador pode ser um dos agentes de mudança das práticas dos professores mediante as articulações que realiza entre estes, num movimento de interações permeadas por valores, convicções, atitudes; e por meio de suas articulações. internas, que sua ação desencadeia nos professores, ao mobilizar suas dimensões políticas, humano - interacionais e técnicas, reveladas em sua prática. (ORSOLON, 2006, p. 20)

O coordenador, quando planeja suas ações, atribui sentido a seu trabalho e destina-lhe uma finalidade e, nesse processo de planejamento, explicita seus valores, organiza seus saberes para realizar suas intenções político-educacionais. No planejamento interdisciplinar ele é o mediador entre os professores e suas respectivas disciplinas, mobilizar para que aconteçam trabalhos interdisciplinares é uma de suas obrigações.

Uma das principais funções desse profissional na escola é a formação continuada docente, mas que ao longo do tempo foram dadas a ele tantas atribuições que hoje o coordenador confunde e busca encontrar seu verdadeiro papel dentro da escola. Lima e Santos (2007) afirmam que o coordenador:

Definindo-o como profissional que assume uma função de gerenciamento da escola, que atende pais, alunos, professores e também se responsabiliza pela maioria das “emergências” que lá ocorrem, isto é, como um personagem “resolve tudo” e que deve responder unidirecionalmente pela vida acadêmica da escola. (LIMA E SANTOS, 2007, p. 79)

É justamente o que acontece na maioria das escolas, os coordenadores até são conscientes de sua verdadeira função, mas devido a vários fatores, como falta de pessoas que possam ajudar na rotina escolar. Pois como diz Serpa (2011, p. 14), o coordenador “vive crise de identidade”. O gestor se exclui das ações pedagógicas da escola, por pensar que é função única e exclusiva do coordenador, que assume a preocupação extrema com ações de socialização de projetos ou datas comemorativas, e até resolver situações de problemas internos com professores, alunos e pais. O coordenador se vê atarefado com várias atividades dentro da escola que realmente não sobra tempo para a formação e o planejamento dos professores.

O dia a dia do coordenador deve priorizar antes de tudo as demandas escolares que estão coadunadas em seu plano de trabalho ou que surgiram nesse contexto, decorrentes

das relações estabelecidas entre os seus diversos sujeitos, ou ainda outras oriundas do sistema a que a escola está atrelada numa perspectiva de otimizar as ações das práticas desenvolvidas pelo mesmo na instituição escolar, mas tendo sempre como foco o sucesso dos educandos no processo de ensino e aprendizagem.

O planejamento deve partir da realidade concreta, mas com objetivo na construção de uma realidade desejada, pois planejar vai além de conhecer a realidade e mantê-la em funcionamento. Um planejamento participativo requer uma transformação desta realidade em busca de uma nova. O planejamento é o foco central do trabalho da reorganização curricular, sob comando do coordenador pedagógico e do gestor. Estes devem criar condições necessárias para a organização de uma proposta pedagógica da escola, com base em conhecimentos diversos e úteis, com vistas na contribuição na formação humana integral dos alunos.

O coordenador pedagógico é importantíssimo na mediação das relações sociais na escola, o primeiro passo é conhecer a clientela que faz a escola, e valorizar o protagonismo juvenil. A comunidade como um todo deve se preocupar com a formação humana integral desses jovens, formar para a vida em sociedade, e a escola como ambiente de formação deve desempenhar seu devido papel como garante as leis educacionais nacionais.

Compete ao Coordenador Pedagógico, então, segundo a pesquisa de Placco; Almeida; Souza (2011).

[...] em seu papel formador, oferecer condições ao professor para que aprofunde sua área específica e trabalhe bem com ela, ou seja, transforme seu conhecimento específico em ensino. Importa, então, destacar dois dos principais compromissos do CP: com uma formação que represente o projeto escolar [...] e com a promoção do desenvolvimento dos professores [...] Imbricados no papel formativo, estão os papéis de articulador e transformador”. (PLACCO; ALMEIDA; SOUZA, 2011, p. 230).

A figura do coordenador nas relações do âmbito escolar é primordial, pois ele está no meio de todas as relações de sociabilidade que se dão dentro da escola. Ele está mais próximo do professor por ter como sua função a organização do trabalho pedagógico, ele é o líder das ações pedagógicas, acompanha o desempenho dos alunos e garante a formação continuada da equipe docente. Como afirma Raposo e Maciel (2005, p. 315) “Essa capacidade de direção para o exercício da liderança requer do líder, a condição de educador comprometido com os valores democráticos dos novos tempos”.

Por diversos momentos o coordenador assume o papel de protagonista na escola, por isso desenvolver uma boa relação com os professores, e entre os professores, compartilhar com competência os conhecimentos, e manter uma relação de confiança é fundamental para

melhorar a prática docente e o processo ensino-aprendizagem. Construindo assim um espaço democrático e uma liderança compartilhada.

Lück (2007) ratifica esta afirmação quando diz que,

A superação da fragmentação e linearidade, tanto do processo de produção do conhecimento, como do ensino, bem como o distanciamento de ambos em relação à realidade, é vista como sendo possível, a partir de uma prática interdisciplinar.(LÜCK, 2007, p. 54)

Fala-se tanto em gestão democrática, e gerir democraticamente é oportunizar espaços de discussões e reflexões entre todos que fazem a escola e principalmente dos mais importantes desse processo que são os alunos. O coordenador pedagógico deve intervir junto à comunidade escolar e propor projetos pedagógicos que propicie reconhecer – experiências, saberes, identidades culturais – condição essencial para que se consiga uma postura interdisciplinar.

As leis dizem que a centralidade está no aluno, ele deve ser o protagonista das ações da escola, deve ser ouvido, não basta só impor regras, é necessário discuti-las com todos. Ter um Projeto Político Pedagógico-PPP bem definido e articulado, que contemple a abordagem interdisciplinar e que realmente seja um documento orientador das ações da escola. Só agindo democraticamente é que poderemos pensar em uma formação humana integral.

### **3 ALGUNS FATORES QUE INFLUENCIAM O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR**

A interdisciplinaridade é uma ponte para o diálogo entre as disciplinas, pois promove a interação entre os alunos e professores através do entendimento dos conteúdos trabalhados na escola. Contudo, para que ocorra de fato essa comunicação entre as disciplinas, o primeiro passo para a concretização desse trabalho no ambiente escolar é a organização do trabalho pedagógico, através de um planejamento interdisciplinar.

O planejamento interdisciplinar pode acontecer pela interação de disciplinas, entre as áreas de conhecimento ou por disciplinas de diferentes áreas, o importante é que haja esse elo entre os conteúdos disciplinares. Também pode envolver a interdisciplinaridade em projetos didáticos ou pela transversalidade. São diversas formas que os professores podem se reunir para definir e esquematizar estratégias de ensino que atenda aos preceitos legais, no que diz respeito à interdisciplinaridade, para isso é necessário um trabalho coletivo que valorize o diálogo e a cooperação.

De modo geral, a interdisciplinaridade, esforça os professores em integrar os conteúdos da história com os da geografia, os de química com os de biologia, ou mais do que isso, em integrar com certo entusiasmo no início do empreendimento, os programas de todas as disciplinas e atividades que compõem o currículo de determinado nível de ensino. (BOCHNIAK, p. 21, 1998).

Planejar interdisciplinarmente requer tempo, conhecimento e disposição de todos que fazem a escola. Como foi visto na seção anterior a educação na perspectiva interdisciplinar não é algo recente, mas até hoje continua sendo um tabu e por mais que se tente, muitas escolas não realizam o trabalho interdisciplinar como deveria.

Muitos são os desafios para a realização de uma metodologia interdisciplinar, e vários fatores influenciam positivamente ou negativamente para que esta ação aconteça de fato nas escolas. Dentre esses fatores a formação do professor é preponderante para a realização de um ensino interdisciplinar. Tendo em vista que o professor de hoje deve ser um mediador do processo de aprendizagem que apoia o acesso ao conhecimento e corresponsável pela formação humana integral dos seus discentes.

Como dizia Paulo Freire (1921-1997), o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; em que professor ensina, mas também aprende. Professor e estudante aprendem juntos, em um encontro democrático e afetivo. Por sua vez, Libâneo (2013) ratifica que:

O trabalho docente somente é frutífero quando o ensino dos conhecimentos e dos métodos de adquirir e aplicar conhecimentos se convertem em conhecimentos, habilidades, capacidades e atitudes do aluno. O objetivo da escola e do professor é formar pessoas inteligentes, aptas para desenvolver ao máximo possível suas capacidades mentais, seja nas tarefas escolares, seja na vida prática através do estudo das matérias de ensino. (LIBANÊO 2013, p. 114)

Com essa perspectiva a interdisciplinaridade compreende a união dos conhecimentos, no intuito de ampliar as possibilidades de compreensão. E exige do professor, além de amplo conhecimento dos conteúdos que ministra, saberes que perpassam seu campo de trabalho. Segundo Santomé (1998), as práticas interdisciplinares na escola exigem do professor ou professora uma postura diferenciada.

Planejar, desenvolver e fazer um acompanhamento contínuo da unidade didática pressupõe uma figura docente reflexiva, com uma bagagem cultural e pedagógica importante para poder organizar um ambiente e um clima de aprendizagem coerentes com a filosofia subjacente a este tipo de proposta curricular. (SANTOMÉ 1998, p. 253)

Um ensino que atenda aos preceitos da prática interdisciplinar deve formar alunos com uma visão holística capazes de articular os conteúdos aprendidos em sala de aula em um contexto prático da vida cotidiana. Exige-se que os professores desenvolvam um ensino contextualizado e interdisciplinar, como rege os documentos oficiais da educação básica. Entretanto, os professores geralmente não são formados interdisciplinarmente, o que lhes dificulta desenvolver um trabalho genuinamente interdisciplinar na escola.

### **3.1 A formação docente e a interdisciplinaridade**

A maioria dos cursos de licenciaturas são disciplinares e seguem ainda uma linha positivista de ensino, fragmentado e linear. Que não se comunicam entre si. Como afirmam Kleiman e Moraes (2002, p.24), o professor “se sente inseguro de dar conta da nova tarefa. Ele não consegue pensar interdisciplinarmente porque toda a sua aprendizagem realizou-se dentro de um currículo compartimentado”. E isso compromete consideravelmente a prática interdisciplinar na escola. Com esse sentido, as DCNEM (2013) tratam que:

Uma questão a ser discutida é a função docente e a concepção de formação que deve ser adotada nos cursos de licenciatura. De um lado, há a defesa de uma concepção de formação centrada no “fazer” enfatizando a formação prática desse profissional e, de outro, há quem defenda uma concepção centrada na “formação teórica” onde é enfatizada, sobretudo, a importância da ampla formação do professor. (DCNEM 2013, p. 171)

Essa ambiguidade na formação inicial do professor é um fator que interfere negativamente para que se tenha um ensino na perspectiva interdisciplinar. As instituições de ensino superior devem repensar suas práticas e oferecer um ensino a essa nova geração de professores que atenda as transformações e exigências da sociedade moderna. Como garante as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013) uma formação inicial que desenvolva as competências referentes ao domínio dos conteúdos a serem socializados, de seus significados em diferentes contextos e de sua articulação interdisciplinar.

A profissão de professor requer um estudo contínuo, atualizar-se sobre as correntes pedagógicas e as tendências que o mundo atual exige é uma de suas tantas funções. Nesse contexto, a formação continuada dos professores é um direito garantido por lei e um dever enquanto cidadão que se preocupa com a aprendizagem dos seus discentes e a qualidade do ensino. Nessa direção, a DCNEM (2013) aponta:

A perspectiva da educação como um direito e como um processo formativo contínuo e permanente, além das novas determinações com vistas a atender novas orientações educacionais, amplia as tarefas dos profissionais da educação, no que diz respeito às suas práticas. Exige-se do professor que ele seja capaz de articular os diferentes saberes escolares à prática social e ao desenvolvimento de competências para o mundo do trabalho. Em outras palavras, a vida na escola e o trabalho do professor tornam-se cada vez mais complexos.(DCNEM 2013, p. 171)

A formação continuada dos professores é um dos fatores que atuam em prol da conquista de um ensino que atenda a interdisciplinaridade. Já que muitos dos professores que hoje estão em sala de aula não tiveram uma formação acadêmica interdisciplinar. Segundo Fazenda (2008, p.23), “a formação interdisciplinar de professores, na realidade, deveria ser vista de um ponto de vista circundisciplinar”. Isso quer dizer, sem fragmentação, sem fronteiras de conhecimentos, fazer com que o sujeito se perceba no mundo, através de diversos fenômenos na dimensão social, natural ou cultural.

Muitas redes de ensino oferecem essa formação em serviço aos docentes, mas a escola é o melhor espaço para colocá-la em prática, sob o comando do coordenador pedagógico. Quando bem estruturada e organizada é um dos instrumentos mais eficazes na busca pela melhoria e qualidade do ensino, pois age diretamente na prática docente. Pimenta (1998) destaca que:

A educação escolar, por sua vez, está assentada fundamentalmente no trabalho dos professores e dos alunos. Sua finalidade é contribuir para o processo de humanização de ambos pelo trabalho coletivo e interdisciplinar deles com o conhecimento, numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora. (PIMENTA 1998, p.168)

Sendo assim, a formação continuada é um dos caminhos para a conquista desta tão almejada formação humana. Uma ótima oportunidade de superação das dificuldades e dos desafios impostos pela prática de um ensino interdisciplinar. No entanto, essa discussão deve ser colocada aos professores de forma intensa, para que juntos possam planejar ações que contemplem essa necessidade que a escola de hoje exige.

A formação continuada por si só não resolve e não consolida a prática interdisciplinar na escola. Trabalhar a prática pedagógica demanda uma dedicação de toda a comunidade escolar, especialmente dos professores que estão diariamente em sala de aula em contato direto com os alunos. Conceber um ensino interdisciplinar vai muito além de compreender seu caráter conceitual, é preciso que todos acreditem na proposta e haja uma mudança de comportamento no contexto educacional.

### **3.2 O trabalho coletivo e a interdisciplinaridade**

O diálogo, a interação entre professores, e o trabalho em conjunto contínuo são fatores que contribuem para que esta prática se concretize na escola. Fazenda (1994, p. 57) acredita que “o diálogo é a única condição de possibilidade da interdisciplinaridade”.

Todo ambiente de trabalho coletivo só tem resultados positivos quando existe uma cooperação, uma ajuda mútua e um diálogo entre os envolvidos. A escola sendo uma instituição educativa não poderia ser diferente. Toda interação que se constitui no ambiente escolar é extremamente relevante para seu desenvolvimento. Principalmente no que tange a dimensão socializante professor-professor. Como afirma Maciel e Raposo (2005):

Pensar em interações segundo a perspectiva sociocultural construtivista, significa considerar a construção de conhecimentos por uma pessoa participante ativa das sugestões culturais coletivas, o que implica uma forma dinâmica de processo de negociação de objetivos dos diferentes indivíduos em interação. (MACIEL E RAPOSO 2005,p. 310)

As interações que se estabelecem nesse ambiente são fundamentais para o sucesso ou fracasso da equipe como um todo. Ainda mais quando se fala em interdisciplinaridade, já que a integração e compartilhamento de saberes são elementos imprescindíveis para a prática docente.

O coordenador pedagógico enquanto articulador de ações na escola deve intervir para estreitar esses laços, assim como a gestão no papel de grande elo integrador dos diversos segmentos que deve consolidar a democracia e garantir a participação de todos.

Uma oportunidade propícia para que esta interação aconteça de fato são os momentos de planejamento coletivo, e esse é um dos grandes desafios do coordenador pedagógico. Pois falta tempo para que os professores estudem, fica complicado organizar um encontro coletivo visto que grande parte dos professores trabalha em outras escolas e possuem uma jornada tripla de trabalho. E ainda outro grande problema que gera, liberar os alunos para que os professores se reúnam.

Na rotina da escola os professores acabam não tendo tempo de interagir entre si, o corre e corre das aulas, as trocas de salas, os intervalos bastante corridos, a interação entre eles fica restrita aos poucos momentos de intervalos e ao trabalho coletivo de planejamento, também escassos. Muitos professores não se sentem parte da escola, só vêm ministram suas aulas e vão embora. Sem se envolver nas ações da escola e nem compartilhar suas angústias, seus problemas e suas dificuldades. Passos (2001) considera que:

A interação dos membros do grupo deve ser valorizada, pois os professores podem se apoiar mutuamente, sustentar o crescimento uns dos outros e olhar para seus problemas compreendendo que têm uma relação com os de outros professores, com a própria estrutura da escola ou do sistema educativo. Além disso, ele indica uma tendência democrática e emancipatória em algumas decisões do professor que podem se originar de uma prática reflexiva. (PASSOS 2001, apud. RAPOSO e MACIEL, 2005, p. 310)

Para que um ensino interdisciplinar faça parte da rotina dos professores, um fator essencial é que se promova uma reflexão de sua prática docente. O coordenador pedagógico atua no sentido da reflexão, ação, reflexão dentro da escola, pois é neste ambiente que oportunizará aos demais sujeitos escolares a apropriação de conhecimentos e saberes necessários a formação e atuação da equipe, nas demandas daquele contexto.

A partir de uma reflexão da prática, o planejamento participativo serve de suporte para o encaminhamento das mudanças necessárias, ajudar a caracterizar aquilo que se almeja e em certa medida criar, as possibilidades de inferir na realidade. A escola deve ter como estratégia para planejar o diálogo, a contribuição pessoal na qual a participação de todos os envolvidos torna-se instrumento de ação pedagógica para o desenvolvimento de ações voltadas à realidade escolar. Ao falar em Interdisciplinaridade, Fazenda (1994) considera:

Uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema de conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano. (FAZENDA, 1994 apud Hass, 2011, p. 57)

O planejamento interdisciplinar vai além do encontro de professores e suas respectivas disciplinas, se traduz pelo encontro de pessoas, em que, coletivamente, discute-se

sobre a realidade, decidem, assumem, agem e avaliam sua própria prática. Como dizia Japiassu (1979, p.15) “a interdisciplinaridade não é algo que se ensine ou que se aprenda, mas algo que se vive”.

Buscando o desenvolvimento de estratégias que possibilitem uma ação escolar mais humana, justa, responsável e participativa. Pois, segundo Fazenda (2001, p. 11), cinco são os princípios que, de acordo com, deveriam subsidiar uma prática docente interdisciplinar “humildade, coerência, espera, respeito e desapego”. Acreditando que isto seja o essencial para o crescimento participativo do grupo e para a concretização de uma prática interdisciplinar no âmbito educacional.

Fazenda (1991, p. 12) considera ainda “no prazer de compartilhar falas, compartilhar espaços, compartilhar presenças, compartilhar ausências”. O compartilhamento é um dos fatores que influenciam em prol de uma educação para a interdisciplinaridade.

### **3.3 O currículo e a interdisciplinaridade**

Diante de todos os fatores expostos anteriormente, um dos que mais influenciam para a solidificação de uma prática interdisciplinar docente é a organização curricular. Atualmente o currículo brasileiro é um fator que age contra a interdisciplinaridade, apesar de todas as leis educacionais vigentes no país apontarem para esta questão. Mas na prática muitas escolas não possuem sua proposta curricular interdisciplinar.

Durante toda a trajetória da educação no Brasil, a organização curricular oscilava ora para uma formação acadêmica ora para uma formação que preparava para o trabalho. Sendo dividida claramente, para as elites a continuidade nos estudos e para as camadas da sociedade mais populares o ensino técnico-profissional. Mas ambos ofereciam um ensino de caráter mecânico, centrado no acúmulo de informações, disciplinas fragmentadas, isoladas e hierarquizadas, um aprender apenas pela simples memorização e pura repetição, práticas de um ensino tradicional. Segundo Lück (2007),

A superação da fragmentação e linearidade, tanto do processo de produção do conhecimento, como do ensino, bem como o distanciamento de ambos em relação à realidade, é vista como sendo possível, a partir de uma prática interdisciplinar. (LUCK, 2007, p. 54)

Elaborar uma proposta curricular que facilite a prática interdisciplinar é o ponto de partida para essa superação. De acordo com a LDBEN9394/96em seu art. 12, inciso I, diz que todas as instituições de ensino devem elaborar e executar suas propostas pedagógicas. E

cabe ao coordenador pedagógico o compromisso de auxiliar a escola na criação da sua proposta e na garantia do direito à democratização do conhecimento. Para Feiges (2014):

A luta pela democratização da qualidade do ensino e da aprendizagem, na perspectiva do exercício da autonomia, da liberdade, da cooperação, da transparência das ações, da solidariedade e do desenvolvimento da responsabilidade individual e coletiva como princípios estabelecidos no PPP tem uma ligação muito estreita com a Proposta Pedagógica Curricular. Entende-se que a seleção dos conteúdos, das metodologias de ensino e das práticas avaliativas definidas na Proposta Pedagógica Curricular viabilizam as possibilidades de apropriação crítica dos conhecimentos científicos, filosóficos, culturais como ferramentas que instrumentalizam educandos e educadores no processo de compreensão e transformação da realidade escolar e social. (FEIGES, 2014, p. 83)

A Proposta Pedagógica Curricular (PPC) da escola é o elemento fundamental para que possa cumprir com sua função social, enquanto instituição formadora e transformadora da realidade. Alinhada ao PPP, expressa a autonomia da escola e uma equidade para o processo de democratização do ensino. Os conteúdos devem retratar a experiência social da humanidade, que ao longo dos anos se constituíram, e a prática social vivida pelos alunos. Além disso, na PPC deve contemplar também a metodologia e a avaliação. Saviane (2008, p. 14) discute ainda que:

Ora, clássico na escola é a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir. É aí que cabe encontrar a fonte natural para elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades da escola, isto é, do currículo. E aqui nós podemos recuperar o conceito abrangente de currículo (organização do conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares). Um currículo é, pois, uma escola funcionando, quer dizer, uma escola desempenhando a função que lhe é própria.

O currículo é a escola em movimento, desempenhando seu papel de construir conhecimento sistematizado através da “transmissão-assimilação”. Libâneo (2013, p. 141) diz que “os próprios conteúdos devem incluir elementos da vivência prática dos alunos para torná-los mais significativos, mais vivos, mais vitais, de modo que eles possam assimilá-los ativa e conscientemente”. As Diretrizes Curriculares Nacionais apontam para isso, quando traz em seu texto as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular, com o objetivo de tornar o currículo vivo e mais significativo, elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo do estudante.

Hoje em grande parte das escolas o currículo não é construído como deveria. Ainda falta muita discussão e esclarecimento, não existe na maioria das escolas uma proposta curricular como garante as leis vigentes, muito menos quando se trata de uma proposta curricular interdisciplinar. Encontram-se muitas problemáticas na organização, na estruturação e na interação dos segmentos que fazem a escola. Segue-se apenas o sumário dos

livros como currículo, quem está conduzindo o que a escola deve trabalhar atualmente são as editoras com seus autores. Para Moreira e Candau (2003):

Se os currículos continuarem a produzir e a preservar divisões e diferenças, reforçando a situação de opressão de alguns indivíduos e grupos, todos, mesmo os membros dos grupos privilegiados, acabarão por sofrer. A consequência poderá ser a degradação da educação oferecida a todos os estudantes. (MOREIRA E CANDAU, 2003, p. 157)

Não está se tendo essa preocupação e não se dando a devida importância para o currículo. A escola não está buscando sua autonomia, sua emancipação e sua identidade. Os professores, principais responsáveis desse processo, continuam presos nas grades impostas pelos livros didáticos, conteúdos fragmentados e descontextualizados, sem diálogo nenhum entre as disciplinas.

A descontextualização cultural e social dos conhecimentos escolares gera insucesso e fracasso escolar. Morim (2003, p.29) defende que “articular, religar, contextualizar, situar-se num contexto e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos adquiridos”. São itens necessários para um ensino contextualizado e, conseqüentemente, interdisciplinar, formar o aluno em uma visão de mundo entre o todo e suas partes, em uma visão global.

Um currículo integrado pretende tornar as fronteiras entre as disciplinas invisíveis de modo que os conhecimentos possam estar relacionados e entrelaçados, facilitando assim o aprendizado, pois como Morim (2003) fala que a complexidade do objeto de estudo deve se destacar de modo que todo ser humano precisa de vários conhecimentos para compreender um fenômeno. Uma proposta curricular com essa visão é o primeiro passo para a construção de um trabalho verdadeiramente interdisciplinar.

O coordenador pedagógico faz um trabalho de mediar todo esse processo, desconstruindo essa visão restrita de currículo que a escola tem hoje e proporcionando a todos que a fazem o esclarecimento sobre como construir a proposta pedagógica, pois todos são responsáveis pela organização do trabalho pedagógico. Como disposto na LDBEN (1996) em seu art. 13, inciso I diz que é função do docente “participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino”.

O currículo deve integrar no desenvolvimento as dimensões da própria vida social, sintetizadas no trabalho, na ciência, na tecnologia e na cultura com o objetivo na formação humana integral. Sabe-se que a democratização do conhecimento vai muito além do currículo, mas este é essencial para a formação do aluno cidadão, pois essa é a verdadeira função da escola.

As orientações das Diretrizes Curriculares da Rede Estadual de Ensino do Maranhão, na qual organiza e norteia todo o trabalho pedagógico das escolas estaduais. É um documento importante para democratização do ensino e aprendizagem, que garantem o ensino de conteúdos básicos a todos sem distinção e em toda a rede. Tendo como base as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN).

Mas segundo DCE (2014), a escola tem autonomia de criação de sua proposta como afirma no próprio documento,

As intencionalidades para os processos educativos a serem desenvolvidos na Rede Estadual de Ensino do Maranhão, compõem esta Diretriz, que é um documento diretivo cujo objetivo é contribuir com o princípio democrático das escolas, de modo que elas possam construir seus próprios projetos pedagógicos, com vistas ao alcance de padrões mais elevados para todas as unidades escolares que integram a Rede Estadual de Ensino, considerando as leis e normas educacionais instituídas que não podem ser deixadas em segundo plano. (DCE 2014, p.6)

Com esse entendimento a escola deve criar sua PPC, tem liberdade para isso, seguindo as orientações estaduais e nacionais. Na tentativa de organizar um currículo que facilite um trabalho interdisciplinar contemplando a transversalidade e características regionais. Na perspectiva de uma articulação com as dimensões da base curricular do ensino médio: o trabalho, a ciência, a cultura e a tecnologia. Tendo o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico. Pensando em uma educação para emancipação, levando em consideração a capacidade do indivíduo tornar-se autônomo moral e intelectualmente.

A partir da implantação das Diretrizes Curriculares Estadual-DCE, no ano de 2014, as escolas começaram um estudo constante da proposta curricular. Encontra-se discrepância no que o estado orienta e no que está distribuído como conteúdos nos livros didáticos. O estado organizou seu currículo e seus objetivos de aprendizagem, sem ouvir os professores, foi algo imposto à rede sem diálogo, sem discussão. E mesmo com a organização do currículo pelo estado acabou-se do mesmo jeito que era.

Os conteúdos trabalhados em sala de aula continuam sendo o sumário do livro didático, devido às escolas já terem escolhido seus livros didáticos antes da implantação da DCE, e os professores não concordarem com que o estado propõe. Na rede estadual do Maranhão se tem uma Diretriz Curricular que não é trabalhada nas escolas. Fator que vai de encontro ao ensino na visão interdisciplinar.

É um grande desafio implementar um currículo que atenta a todos esses preceitos. Mas é necessário um redesenho curricular nas escolas, e para isso é importante sempre atualizar o PPP, de forma coletiva e democrática. Organizar um currículo que seja inclusivo e

intercultural, que supere a dicotomia entre formação geral e ensino profissionalizante, proporcione um caminho formativo motivador e que aproxime o trabalho das áreas de conhecimento, conseqüentemente as disciplinas. E primordialmente que seja viável à aprendizagem do aluno, como aborda na DCN (2103),

Mais do que o acúmulo de informações e conhecimentos, há que se incluir no currículo um conjunto de conceitos e categorias básicas. Não se pretende, então, oferecer ao estudante um currículo enciclopédico, repleto de informações e de conhecimentos, formado por disciplinas isoladas, com fronteiras demarcadas e preservadas, sem relações entre si. A preferência, ao contrário, é que se estabeleça um conjunto necessário de saberes integrados e significativos para o prosseguimento dos estudos, para o entendimento e ação crítica acerca do mundo (DCN 2013, p. 181)

Nesta perspectiva, que o Ministério da Educação (MEC) lançou recentemente o movimento pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), momento este importantíssimo para repensar o currículo nacional. As escolas debateram e refletiram por disciplina acerca dos direitos de aprendizagem por série. Contribuir com este documento é de extrema necessidade para que tenha mudanças significativas e melhoria do currículo brasileiro. Um fator que pode contribuir para uma abordagem interdisciplinar, mas que ainda é incerto.

Haja vista que temos um currículo enorme e precisa ser definido o que é realmente básico. A organização de uma BNCC está prevista em lei, aparece já na Constituição Federal, de 1988, no Art. 210. E anos depois, a BNCC também é prescrita mais claramente na LDBEN (1996):

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (LDBEN 1996, art. 26)

É mais uma ação na garantia do direito ao acesso, permanência e qualidade do ensino e aprendizagem aos discentes. O texto final só estará pronto no ano de 2017, não se tem definido ainda como será organizada a parte diversificada. Só com esse produto final que se poderá saber se realmente essa mudança tão esperada por grande parte dos profissionais da educação se concretizará e facilitará um trabalho interdisciplinar, haja vista que as discussões já foram por disciplinas de forma isoladas.

Em todos os fatores que influenciam a prática de um ensino interdisciplinar que foram abordados nesta seção, pode-se perceber como a figura do coordenador pedagógico tem papel primordial nesse processo, pois a sua atuação está diretamente relacionada na mediação de todas as relações de âmbito pedagógico existentes na escola, e a partir da consolidação de um planejamento que contemple a interdisciplinaridade seja possível que os professores criem

o hábito de preparar aulas nessa perspectiva e se supere, enfim, a distância entre as disciplinas e a fragmentação dos conteúdos.

#### 4 Análise dos resultados da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida no Centro de Ensino José de Anchieta o qual faz parte da rede estadual de ensino do Maranhão, jurisdicionada pela Unidade Regional de Educação de Pinheiro-UREP e pela Secretaria Estadual de Educação-SEDUC, de localização urbana do município de Pinheiro, com endereço na Rua Tiradentes, nº 313, Centro, CEP: 65200-000. Com seu prédio próprio, recentemente a escola passou por uma grande reforma da sua estrutura física. Possui 13 salas de aulas, laboratório de informática, biblioteca, sala de vídeo, auditório, sala de recurso (que oferece o Atendimento Educacional Especializado), sala de professores, todas climatizadas e em ótimas condições.

Atualmente oferece o Ensino Médio Regular, nos turnos matutino e vespertino, e o EJA, no turno noturno. No total de 25 turmas atendidas, com 905 alunos frequentes.

A finalidade da escola é formar para a vida possibilitando aos alunos conhecimentos, experiências e saberes que são importante para uma inserção social crítica e transformadora da sociedade em que se vive.

O PPP da escola resultou de uma construção coletiva e objetiva estabelecer relação entre os conteúdos formais que fazem parte do currículo real. Compreendido, segundo Gohn (2006, p. 28), como educação formal “aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados”. Articulando com as relações sociais fora da escola, valorizando a cultura do aluno, seu conhecimento de mundo e a socialização em outros ambientes.

Atualmente seu PPP encontra-se implantado e revisto periodicamente, no que tange as atividades previstas e planejadas para o ano letivo em curso e anualmente os dados de cunho quantitativo são revistos e servem de base para estudos e planejamentos dos componentes curriculares que compõem a matriz curricular do Ensino Médio. Estes dados são observados no sentido de verificar as causas mais pontuais e frequentes que repercutem no fracasso escolar dos educandos e que merecem ser investigados para uma intervenção mais objetiva que promova o sucesso dos mesmos e da escola como instituição que socializa o saber e os sujeitos escolares.

Tenta-se articular projetos que envolvam a comunidade local, que sensibilize ações de cunho social, para que todos tenham competência de intervir na sociedade, como cidadãos conscientes e críticos da sua função social. O que a escola objetiva hoje é a formação humana integral dos discentes o que orienta as DCNEM.

Dentre os projetos pedagógicos trabalhados por temas transversais, que as Diretrizes Curriculares do Estado do Maranhão orientam, tais como a educação para os

direitos humanos, meio ambiente, educação fiscal, educação de gênero, relações étnico-raciais. Os temas são escolhidos sempre no coletivo que serão pontuais e temas que serão trabalhados ao longo do ano letivo, com ações durante todo o processo.

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa foram alguns professores da escola do turno vespertino, das disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e História que lecionam na 3ª série do Ensino Médio. Nos quais serão identificados nesta análise como professores de suas respectivas disciplinas. E com um dos coordenadores pedagógicos que atuam com estes professores. Foram realizadas entrevistas com os mesmos, com um roteiro previamente estabelecido, com perguntas semiestruturadas. As perguntas foram relativas aos fatores que interferem na consolidação de um trabalho pedagógico interdisciplinar na escola e qual o papel do coordenador pedagógico na articulação deste trabalho.

Iniciou-se a entrevista com os professores sobre os fatores e um dos primeiros a serem discutidos foi quanto à formação inicial e continuada dos professores. Foi perguntado como a sua formação inicial abordou a questão da interdisciplinaridade? Se a formação dos professores é promovida na escola? E qual a participação da coordenação pedagógica nessa formação? Os professores responderam de forma unânime, que pouco tiveram contato com a abordagem interdisciplinar nas suas formações iniciais, que não são oferecidos na escola momentos formativos e que o coordenador pouco desempenha sua função nos aspectos pedagógicos.

O professor de Língua Portuguesa ratifica que

Nos seis anos que estou na rede estadual de ensino pouco tenho participado de formações, praticamente inexitem, e quando é oferecida, percebo que há um desarranjo com as práticas pedagógicas e a realidade escolar, o que acaba por não surtir muito efeito. A coordenação pedagógica por não está efetivamente desenvolvendo seu papel no dia a dia, no processo de formação continuada deixa a desejar.

Percebeu-se que em poucos momentos acontecem essas formações, somente no início do ano, que na verdade não há formação e sim um momento em que são definidas as ações que serão desenvolvidas ao longo do ano letivo. As formações continuadas de caráter pedagógico que poderiam melhorar a prática dos professores em sala de aula e até ajudá-los em questões que sempre surgem no dia a dia de sala de aula, como diz o professor inexitem, nem na escola, nem na rede estadual. Neste ano letivo segundo os professores nem os planejamentos coletivos periódicos, que até aconteciam nos anos anteriores, ainda não ocorreram. Segundo os professores o coordenador pouco se envolve nas ações de cunho pedagógico.

O coordenador, no entanto, confirma que não acontecessem momentos formativos na escola, mas se justifica dizendo que,

A formação continuada não é ofertada pelo sistema e tão pouco os professores preocupam-se com esta questão, visto que consideram que a sua formação inicial seja suficiente para exercerem sua função e atividades de docência, não considerando que esta é também uma de suas atribuições individuais enquanto docente.

Segundo o coordenador o professor não valoriza os momentos formativos e que a maioria deles quando têm esses momentos não participa e não se envolve nas ações da escola. Mesmo sabendo que é uma das atribuições do professor enquanto mediador do processo ensino e aprendizagem, poucos comparecem e muitos acham uma perda de tempo. São visões que divergem, um colocando a culpa no outro, tornando-se uma situação complicada para se chegar a um denominador comum.

Confirmou-se que a formação inicial dos professores influi diretamente no seu trabalho em sala de aula, e se neste momento não lhe foi apresentado um ensino na perspectiva interdisciplinar torna-se difícil exigir que os mesmos desenvolvam no exercício de sua profissão docente um ensino desta forma. E a formação continuada que poderia contribuir para melhorar essa dificuldade não é, nesta escola, ofertada aos professores.

A próxima questão seria se a interdisciplinaridade é um tema tratado nas formações continuadas dos professores? E de que forma? Mas como não havia momentos formativos, foi tratado se a interdisciplinaridade em algum momento seja nos planejamentos é discutida na escola? O professor de Matemática responde que “Não, também nos momentos de planejamentos não há qualquer orientação.” O professor de Língua Inglesa afirma que “Não, hoje na escola não se tem a preocupação em trabalhar a interdisciplinaridade. Nem mesmo os planejamentos coletivos estão sendo realizados.” Já o de História reconhece que,

Até se tenta, nos anos anteriores os planejamentos eram por áreas de conhecimento, se escolhia uma temática transversal qualquer, mas cada um trabalhava na sua disciplina, com seus conteúdos isolados, só era escolhida uma data para que houvesse uma socialização.

O coordenador pedagógico alega que,

Sim, porém não com a ênfase e importância que a temática deveria ter no processo de ensino e aprendizagem. Somente há um trabalho mais voltado para a questão prática da interdisciplinaridade em momentos pontuais da prática pedagógica da escola e dos professores, a saber os projetos escolares.

Segundo Piaget (1972, apud SANTOMÉ, 1998, p. 70) a interdisciplinaridade é o “Segundo nível de associação entre disciplinas, em que a cooperação entre várias disciplinas

provoca intercâmbios reais, isto é, exige verdadeira reciprocidade nos intercâmbios e, conseqüentemente, enriquecimentos mútuos.” A escola ainda encontra-se no primeiro nível, ou seja, que é chamado na escola de interdisciplinaridade na verdade está mais para multidisciplinaridade ou até mesmo a pluridisciplinaridade, pois são apenas escolhidos os temas para serem trabalhados, trabalha-se com estes temas, que geralmente são temáticas transversais. Mas cada um com o ponto de vista de sua disciplina, sem interação, sem diálogo entre os professores, e isso não caracteriza um trabalho interdisciplinar.

A questão agora é se é percebido algum resultado expresso no trabalho pedagógico interdisciplinar, a partir da formação continuada dos professores? Segundo o coordenador “esporadicamente sim, visto que há uma resistência por parte dos professores em realizarem um trabalho contínuo, progressivo na linha interdisciplinar.”

O professor de Língua Portuguesa conclui que,

Não se vê muito resultado, pois a prática do que é proposto nas formações e ou planejamentos não se realiza efetivamente e mais, não se tem um acompanhamento colaborativo e de cobrança para que realmente seja posto em prática pelos professores, que muitas vezes desmotivados e desinformados não veem o quão se faz necessário para formação dos alunos.

Como os professores foram categóricos em dizer que não há formação continuada ofertada pelo coordenador e que pouco se fala em interdisciplinaridade na escola. O professor de Matemática corrobora dizendo que “os professores da escola não trabalham alinhados em uma proposta interdisciplinar”. Reformulou-se a pergunta para se eles consideram que o trabalho interdisciplinar expressa algum resultado na prática docente? O mesmo completou que “considera de extrema importância para o processo de ensino e aprendizagem”. Já o de Língua Inglesa diz que “ainda estamos atuando de forma fragmentada e sem qualquer diálogo entre as áreas de conhecimento devido: falta de articulação e orientação da equipe pedagógica e momentos formativos com professores” e reitera dizendo que “considera relevante o trabalho interdisciplinar”.

Ainda falta muito conhecimento por parte de todos da escola sobre como trabalhar com a interdisciplinaridade, apesar de todos saberem que a interdisciplinaridade caracteriza o diálogo e a interação entre as disciplinas, e todos consideram que esta prática na escola ajuda na melhoria da aprendizagem dos alunos e no cotidiano da sala de aula do professor, mas que na prática isso não acontece.

O próximo fator, já discutido neste trabalho, considerado como importante para a implementação de uma prática interdisciplinar na escola, diz respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais, no caso analisado, a DCNEM. Foi perguntado aos entrevistados se as

DCNEM facilitam o trabalho interdisciplinar na escola? O coordenador ratifica que “Contribuem com certeza, porém a escola não busca conhecer esses documentos e tão pouco exercitam no seu cotidiano as práticas ali abordadas.”

O professor de História assevera que,

Tanto as DCNEM e a DCE orientam o trabalho na perspectiva interdisciplinar, mas na realidade isso não acontece. Ainda seguimos muito os sumários dos livros didáticos, cada qual com sua disciplina e seus conteúdos. Pois este ainda é o nosso único apoio didático em sala de aula, haja vista que a escola não tem copiadora, nem impressora e de forma alguma podemos pedir que os alunos colaborem na compra de materiais para suporte didático, qualquer material se quisermos trabalhar é por nossa conta. Por vezes até arcamos com mais essa despesa. Devido a isso ficamos muito restritos aos conteúdos e as atividades dos livros didáticos, como os livros são escolhidos por disciplinas, acaba-se escolhendo editoras diferentes, com organização curricular diferentes que não atendem a uma proposta interdisciplinar.

Todos os outros professores confirmaram que as DCNEM apontam para um ensino interdisciplinar, mas que os textos não são muito objetivos, deixam muitas lacunas e muitas dúvidas, que na teoria é uma coisa, mas que na prática é outra. De fato a falta de recursos na escola dificultam ainda mais, é impossível pensar em integração curricular se cada livro didático que é o principal instrumento de trabalho do professor não é organizado na perspectiva interdisciplinar. E cobrar do professor que utilize outros recursos na sala de aula, mas sem oferecer o mínimo de suporte para ele torna o trabalho inviável.

As DCNEM através do inciso III do Artigo nº 08 aponta que para o desenvolvimento da interdisciplinaridade no ensino médio é previsto,

As escolas devem conceber a ideia de que as disciplinas escolares são recortes das áreas de conhecimentos que representam, carregam sempre um grau de arbitrariedade e não esgotam isoladamente a realidade dos fatos físicos e sociais, devendo buscar entre si interações que permitam aos alunos a compreensão mais ampla da realidade.

As DCNEM afirmam que a interdisciplinaridade é um dos elementos da organização e desenvolvimento curriculares, porém ainda persistem limitações. Desta forma, muito ainda há que se buscar para que se consolidem as propostas curriculares que envolvam práticas interdisciplinares principalmente na formação de professores. Ou seja, é importante que a formação dos professores permita o reconhecimento do caráter provisório e parcial dos conteúdos disciplinares e a integração entre as disciplinas para promover a construção de uma interpretação mais ampla para um dado fenômeno.

Ainda sobre currículo, tratou-se sobre a proposta curricular escolar. Se é construída de forma coletiva e a partir de quais ações? O professor de Língua Portuguesa responde que “A proposta pelo que presenciei até o momento é apenas cumprida, pois vem da

instância maior (SEDUC) tal proposta que deve ser seguida tendo certas adequações, levando em conta a realidade da escola.” O de Matemática já diz que “sim, planejamos por disciplina em que os professores selecionam os conteúdos a serem trabalhados e elaboram o plano de curso com base nas Orientações Curriculares Estadual.” O de Língua Inglesa afirma que “as orientações até são feitas, neste sentido, mas que a escola até hoje não tem sua proposta curricular”. Enquanto a de História continua afirmando “Segue-se apenas sumário de livro. A organização curricular que é feita é dividir o sumário do livro em quatro períodos. Não se tem uma proposta da escola, nem se quer segue-se a proposta da Diretriz Curricular Estadual.”

O coordenador pedagógico declara que “Não, visto que somente alguns sujeitos e segmentos da escola participam do processo de construção da mesma. As ações quando realizadas se referem a escassas reuniões e encontros para leituras e outras.”

Os professores divergiram com essa questão, percebeu-se que a escola na verdade não tem uma proposta curricular própria, segundo relatos do próprio coordenador eles se reúnem no início do ano por disciplina, para definirem e organizarem quais conteúdos dos livros didáticos serão trabalhados nos períodos, e aproveita-se e escolhe-se as temáticas transversais que poderão ser trabalhadas. Mas nada de caráter interdisciplinar.

Após questionou-se se na série em que os professores atuam, neste caso a 3ª do Ensino Médio, é possível identificar aspectos interdisciplinares na organização curricular? O professor de História disse que “São raros momentos de diálogos com outros professores que sem isso fica impossível articularem projetos ou planos de trabalho junto com outras disciplinas.” O de matemática afirma que “Não há nenhum aspecto interdisciplinar na proposta.” E o coordenador confirma que “Quando escolhem um tema como as relações étnico-raciais, por exemplo, todas as disciplinas trabalham a temática. Mas que os professores não gostam de se reunir para planejarem juntos e acabem fazendo trabalhos isolados.”

Sem uma organização curricular que contemple a interdisciplinaridade, sem momentos de formação para apoiar os professores, e sem o tempo disponível para que os professores encontrem-se para planejarem juntos é impossível trabalhar interdisciplinarmente. Continua-se com práticas positivistas e tradicionalistas, disciplinas hierarquizadas que a cada dia se especializam e se distanciam mais. E principalmente, sem envolver o aluno, este não sabe para que servem tantos conteúdos ensinados na escola, onde colocar em prática? O que é importante para sua vida? De fato, esse ensino de hoje é básico?

As estáticas e as pesquisas diversas em educação, mostram os índices educacionais brasileiros sempre em baixa com relação a outros países. Os alunos que se encontram na escola hoje estão desmotivados e desestimulados, os métodos adotados não

estão dando certo. Compreender os fenômenos do mundo dissociados, compartimentados, fragmentados não é o melhor caminho para uma aprendizagem significativa.

Moraes (2008, p. 23) assegura que “trabalhar de forma interdisciplinar é superar a fragmentação dos conteúdos e ocupar-se com os fenômenos em sua globalidade [...], ser interdisciplinar é contextualizar o ensino”. A abordagem interdisciplinar busca essa superação, a aprendizagem dos conteúdos não pode ser segmentada, mas sim integrada. Uma proposta de cunho interdisciplinar ocorre quando as ações nela descritas contemplam estratégias de cunho interativo entre as disciplinas e contexto social, entre professores, entre alunos de forma sistematizada e organizada. Só assim os alunos compreenderam que os conteúdos ensinados na escola, fazem parte do seu contexto de vida, são explicações para todos os fenômenos que nos rodeiam.

Aprender é saber colocar em prática, é contextualizar aquilo que foi ensinado em sala de aula. O professor como mediador deve proporcionar aos discentes aulas que incentivem e estimulam o aprendizado. Como aborda Santomé (1998, p. 229),

Portanto, será preciso selecionar cuidadosamente os tópicos que sirvam como organizadores do trabalho na sala de aula e apresentá-los de maneira atraente. O papel do professor estimulador e acrescentador de novos interesses e necessidades nos estudantes é fundamental.

O próximo fator que interfere na consolidação de uma prática interdisciplinar discutido neste trabalho foi à integração entre os professores, como se dá essa relação importantíssima para toda a escola. Foi perguntado aos professores e ao coordenador como a coordenação pedagógica proporciona a interação entre os professores?

O professor de Língua Portuguesa respondeu que “Promove interação através de reuniões de planejamento, pequenos encontros para definição de situações peculiares do cotidiano da escola.” O de Matemática disse que “a interação entre os professores só há durante o conselho de professores, mas geralmente não acontece em momentos de planejamento quer seja por área de conhecimentos ou na coletividade.” O coordenador diz que “há a interação através do planejamento, das reuniões e dos encontros pedagógicos.”

A interação entre os professores na escola é bem restrita, não se tem um planejamento para isso, e não se vê uma preocupação da equipe gestora para tal ação, os encontros que acontecem raramente são desarticulados e desorganizados. Compreende-se que para a concretização de ensino interdisciplinar uma boa interação entre os professores ajuda muito, pois compartilhamento de experiências e a troca de saberes são itens necessários para a interdisciplinaridade. Como afirma Fazenda (2002),

...é fundamental o papel de um interlocutor que vá ajudando a pessoa a perceber, que vá ampliando as possibilidades de leitura de sua prática docente e da prática docente de outros colegas. O papel de um supervisor ou de um coordenador pedagógico é fundamental nesse caso (FAZENDA, 2002, p. 72).

Quem faz esse papel disposto por Fazenda é o coordenador, como afirmado anteriormente este profissional é o elo, é o mediador das relações existentes na escola. E esta leitura ou releitura da prática docente dos professores pode acontecer nos momentos de interação, nos encontros coletivos planejados e organizados por ele. Pois nem sempre os professores conseguem sozinhos refletir sobre suas dificuldades ou suas limitações, portanto o coordenador pedagógico deveria ajudá-los nesse sentido.

Ainda Fazenda (2002, p. 86) afirma que “a interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas”. Uma boa relação entre docentes em uma escola e de um trabalho de equipe são essenciais no trabalho interdisciplinar. Santomé (1998, p.29), também corrobora discorrendo sobre o trabalho interdisciplinar, “um corpo docente que pesquise e trabalhe em equipe é algo consubstancial a esse modelo de currículo.”

E por fim adentrou-se ao tema central deste trabalho que é a função do coordenador na articulação do planejamento interdisciplinar. E foi perguntado aos entrevistados qual a importância do coordenador no planejamento interdisciplinar?

O professor de Matemática falou que,

É de suma importância, ele deve ser o agente articulador de construção da proposta interdisciplinar na escola. No sentido de dominar conhecimentos sobre interdisciplinaridade, propiciar aos professores momentos de estudo, análise e reflexão, viabilizar a construção de planejamentos interdisciplinares, acompanhando e avaliando os resultados no processo de aprendizagem.

O de História diz que “O coordenador tem grande importância na orientação e organização do planejamento principalmente o interdisciplinar, pois ele é o profissional que lidera o pedagógico na escola o principal articulador.” Todos os professores reconhecem e consideram a figura do coordenador pedagógico importante para a escola, pois ele tem um papel essencial para a organização de todo trabalho pedagógico, inclusive o interdisciplinar. Já o coordenador da escola compreende “De fundamental e extrema importância, porém ele deve exercer o seu papel e não executar ações de outros sujeitos, como por exemplo, o gestor, de secretário, psicólogo, delegado e outros.”

De fato hoje o coordenador desempenha tantos papéis na escola, que acaba esquecendo ou não dando tempo de fazer, a sua real função. Na escola pesquisada os gestores são muito ausentes, e como o coordenador é mais presente acaba fazendo ações que não são a

dele, como alguns autores falam o coordenador é o “apaga jogo” ele que resolve todas as situações que surgem no cotidiano escolar.

Com relação ao planejamento interdisciplinar foi perguntado se o coordenador articula um planejamento de ensino na escola de caráter interdisciplinar? Caso tenha quais as ações as características interdisciplinares? E quais outras ações interdisciplinares (além do planejamento) são desenvolvidas na escola?

O coordenador diz que “articula sim, com projetos, atividades de cunho comemorativo, trabalham no planejamento as temáticas sobre as questões sociais.” E ainda complementa que,

As orientações são todas pautadas nos documentos vigentes que direcionam a prática da interdisciplinaridade. Mas falta criatividade na prática em sala de aula com os alunos, pois vejo que os professores em sua maioria, localizam-se numa inércia, de não arriscar, de não promover algo novo em sala de aula. O horário escolar também não contribui para a organização dos encontros coletivos, e falta comprometimento do professor com o planejamento de suas atividades. Pois com a nova jornada de trabalho eles têm direito às 13 horas em sala de aula e 7 horas de planejamento, mas que na realidade as horas de planejamento o professor não aparece na escola e prefere fazer em casa sozinho.

A sensibilização do professor, no que tange as suas atribuições e responsabilidades são essenciais para que uma proposta de ensino dê certo. O trabalho em equipe só terá bons frutos se todos participarem ativamente do processo. Na realidade nas escolas estaduais acontece isso descrito pelo coordenador, os professores dão aulas três dias e outros dois dias que são destinadas as atividades de planejamento e postagens das aulas do SIAEP, eles ficam em casa. E quando o coordenador marca qualquer atividade para o coletivo poucos aparecem. Haja vista que o trabalho educativo da escola, são também os momentos de diálogo e interação, imprescindíveis para um compartilhamento de ideias, saberes e experiências para a melhoria da prática pedagógica.

O professor de Língua Inglesa afirma que “O planejamento que o coordenador articula não é interdisciplinar, mas sim disciplinar o que fazemos no máximo é escolher um tema transversal para trabalharmos cada um com sua visão.” O de História corrobora que “Não existe na escola planejamento interdisciplinar.” Já o de Língua Portuguesa reitera que “Há uma preocupação e uma cobrança imensa em não dispensar os alunos para nenhuma atividade, desta forma ficamos impossibilitados de nos encontrarmos toda a equipe docente e planejarmos juntos, já que no dia a dia cada um tem seu horário, fica inviável.”

O de Matemática reconhece que,

Em algumas atividades que foram desenvolvidas na escola como ações do PACTO PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO, Semana da Consciência Negra

houve integração das disciplinas a um tema transversal. Também nota-se essa integração nesses momentos pontuais, não dentro de um planejamento para as atividades em sala de aula de articulação entre as disciplinas ou mesmo entre as que fazem parte da mesma área de conhecimento.

Os professores convergem que falta na escola um coordenador mais atuante, que possa estar desempenhando seu papel enquanto mediador das relações sociais na escola, e principalmente cuide do pedagógico, os professores entrevistados demonstram-se com boa vontade e dispostos a implantar uma prática interdisciplinar nas suas aulas, mas precisam de um articulador, de um profissional que atue como o centro do trabalho, que organize, que oriente as ações de cunho pedagógico. Função esta do coordenador.

Dos sujeitos escolares, com destaque gestores, coordenadores e professores não convivem e nem buscam um diálogo entre si e seus pares, acerca das problemáticas que os rodeia na escola, principalmente a aprendizagem dos educandos, e quais são os seus papéis e responsabilidades neste sucesso ou fracasso, numa perspectiva de buscar soluções para otimizar, minimizar ou resolver determinadas questões. O que se percebe é um isolamento, um “jogo de culpados”, procura-se um culpado, mas que na verdade a única vítima de todo esse jogo é o aluno.

Os desafios para a consolidação do trabalho interdisciplinar na escola são muitos, pois mudanças de paradigmas nunca são fáceis de acontecer. Entretanto, com as pessoas articuladoras adequadas muito se pode construir a partir de mobilizações de todos os segmentos que compõem a escola. Enfatiza-se que a prática pedagógica atual apresenta-se ainda bastante tradicional e descontextualizada, favorecendo a fragmentação e linearidade dos conhecimentos. Emerge a necessidade de repensar não só a educação básica, mas, sobretudo, a formação de professores. Considera-se que conhecer e desenvolver atividades interdisciplinares é fundamental para o exercício da prática docente, pois proporcionam aos alunos em formação um processo de ensino-aprendizagem mais significativo.

Sobre o fazer interdisciplinar, Fazenda (2002, p. 78) afirma:

Aquele que se aventura a empreender esse caminho precisa antes demais nada assumir um sério compromisso com a erudição; e com a erudição em múltiplas direções. Buscar o conhecimento, uma das atitudes básicas a serem desenvolvidas em quem pretende empreender um projeto interdisciplinar, só pode ser entendido no seu exercício efetivo.

A consolidação de um trabalho na abordagem interdisciplinar é cultivar um saber interdisciplinar, isto é, tornar uma cultura geral ampla entre os docentes que pretendam desenvolver esse trabalho por meio de um bom planejamento coletivo das atividades.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou alguns fatores que interferem na consolidação de um planejamento interdisciplinar e o papel do coordenador nessa articulação. Após todo o trabalho constatou-se que os fatores analisados de fato são preponderantes para a concretização do trabalho interdisciplinar, mas que ainda existem vários outros que também influem dentro da escola. E que todos estes precisam ser superados para que se consiga um ensino nesta abordagem. Que o coordenador é o profissional da educação que faz toda essa mediação para que o planejamento interdisciplinar se realize, mas que precisa se encontrar na escola e necessita compreender qual é a sua real função.

Compreendeu-se que apesar da interdisciplinaridade ser um conceito que já vem sendo discutido há algum tempo, por diversos estudiosos da área como, JAPIASSU(1976); SANTOMÉ(1998); FAZENDA (2005, 2008); LÜCK(2007); MORAES(2008). E de todos os documentos orientadores que regem a educação escolar brasileira atualmente apontarem para um ensino na perspectiva interdisciplinar. Até hoje muitas escolas não conseguiram consolidar um ensino nessa perspectiva, ainda existem muitas dúvidas e confusões sobre o tema. Como foi constatado na escola pesquisada.

Concluiu-se que a interdisciplinaridade é uma abordagem metodológica que auxilia na articulação e na reflexão das diferentes disciplinas, propiciando uma análise mais dinâmica e sistêmica da realidade. Contribuindo para que as aulas dos professores estabeleçam um canal comum aos conhecimentos específicos, sejam mais criativas e produzam um aprendizado mais significativo. O coordenador pedagógico tem papel decisivo para que a prática do planejamento interdisciplinar se consolide na rotina dos professores.

##### O planejamento conforme Libâneo (2013)

É uma ação de reflexão acerca das nossas opções e ações; se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade. A ação de planejar, por tanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções políticas-pedagógicas. (LIBÂNEO, 2013, p. 246)

Planejar implica em determinar os caminhos a serem seguidos, que ações serão tomadas, e quais metas se quer superar. Planejar coletivamente é um dos caminhos para o crescimento pessoal e profissional de todos e conseqüentemente o sucesso dos alunos em sua vida escolar. E a interdisciplinaridade só se dará a partir de um intenso trabalho em equipe, no

qual todos compartilhem os seus saberes, suas experiências e suas angústias. Todos busquem o mesmo objetivo, e ousem em querer mudar. Em conformidade com a concepção de Fazenda (2005), “entendemos que assumir a perspectiva interdisciplinar na educação é ter presente a ousadia da busca, da pesquisa, da transformação da insegurança num exercício do pensar, do construir permanentemente.”

Na prática cotidiana o coordenador pedagógico, trabalha com processos e pessoas com características, experiências, motivações e interesses diversos, que precisam ser conhecidos, refletidos e analisados para a construção e oferta de uma educação de qualidade. Cabe ao coordenador mediar, articular ações onde todos tenham participação efetiva neste espaço chamado escola. A organização do trabalho pedagógico é sem dúvidas uma das maiores e mais importantes funções do coordenador. E esta organização só pode ser concebida com o envolvimento e a participação de todos que fazem a escola a partir de um planejamento coletivo.

Dentre os fatores analisados nesta pesquisa compreendeu-se como a formação inicial dos professores é significativa para todo o seu percurso na atividade docente, e que as instituições de ensino superior precisam reformular seus currículos e fazerem que desde o início os professores que estão em formação tenham contato com a interdisciplinaridade.

Percebeu-se que a formação continuada que é direito do professor, mas também dever em participar ainda encontra-se muitas discussões, pois a escola pesquisada não oferece porque alega que os professores não valorizam. E segundo os professores eles querem, mas a escola não proporciona, há uma enorme discrepância nesta questão. Os professores só esperam do coordenador para uma atualização da sua prática metodológica e dos seus conhecimentos. Mas que é função do coordenador oferecer esses momentos formativos na escola. E a oportunidade de tratar sobre a interdisciplinaridade nestes momentos, já que muitos não tiveram na formação inicial.

O trabalho coletivo e as relações estabelecidas na escola são fundamentais para que a interdisciplinaridade aconteça na escola. Já que o diálogo, a união e a “humildade” são fatores decisivos para que se construa uma prática interdisciplinar na escola. Fazenda (1994, p. 15) considera que uma relação de “reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema de conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano”.

O currículo também foi analisado como fator preponderante para a consolidação de um trabalho interdisciplinar na escola. Pois o currículo encontrado hoje não contribui para uma abordagem nesta perspectiva, o que se encontra é uma estrutura tradicional com uma

visão linear e fragmentada dos conhecimentos, descontextualizada da realidade. Trabalhar interdisciplinar exige a necessidade de desenvolver atividades coletivamente com vistas a articular e integrar os conhecimentos significantes.

Na escola pesquisada comprovou-se que apesar de já ter o seu PPP, e dizer que faz a revisão anualmente, não é um PPP na perspectiva interdisciplinar. É função do coordenador assegurar que o PPP contemple a interdisciplinaridade e que a escola crie sua própria proposta curricular.

Fazenda desde 1979 já propunha algumas contribuições para uma reformulação da educação escolar. Mas o que ainda se vê hoje em pleno século XXI são professores que utilizam práticas de séculos passados com a fragmentação do ensino, ignoram o conhecimento de mundo e a realidade do aluno, não reconhece a contextualização dos conteúdos, fatores imprescindíveis para a construção de conhecimentos. Indo de encontro a todas as leis educacionais vigentes. E o que se vê nas escolas são alunos desestimulados e desinteressados, e professores cansados e desacreditados. Percebe-se claramente no dia a dia da escola que a didática adotada por muitos professores não está tendo resultados satisfatórios e precisam sim de uma mudança.

As atividades diferenciadas em forma de projetos didáticos, aulas temas transversais, ou até mesmo uma melhor organização curricular dos conteúdos são oportunidades plausíveis de aproveitar o trabalho interdisciplinar. Envolvendo professores, alunos e a comunidade escolar. Fazenda (2008) corrobora ainda

Se definirmos interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação de sua grade. Porém se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores. (FAZENDA, 2008, p. 17)

Para a consolidação de um projeto interdisciplinar é necessário um coordenador competente que apresente um projeto coerente e claro. Como Fazenda (2001, p. 37) considera “Ser interdisciplinar não permite atitudes de incoerência que se caracterizam pelo aniquilamento de alguns dos atributos da interdisciplinaridade [...]”, tais atributos seriam a afetividade, o respeito e a humildade. Quem se propõe a uma em ação interdisciplinar precisa estar apto para a resolução de conflitos, embates de ideias e aceitação do outro. Não basta pensar, é preciso ter uma postura interdisciplinar.

O objetivo desta pesquisa foi analisar o papel do coordenador na articulação do planejamento interdisciplinar entre os professores pode-se considerar que foi alcançado, pois se percebeu quão a importância deste profissional na escola, e que a ausência deste ou a

omissão na sua função traz prejuízos a toda comunidade escolar, sem um coordenador atuante o pedagógico da escola não é fortalecido, o que se viu na escola pesquisada foram práticas isoladas de professores que pouco contribuí para o principal produto vendido na escola que é: a aprendizagem.

O papel do coordenador é cuidar das ações pedagógicas da escola e não da parte administrativa, muito menos financeira, não pode ser o profissional da educação que fica trancado o dia todo em uma sala, apaziguando situações com família de aluno, professores e até funcionários. O que acontece hoje é o que foi tratado neste estudo monográfico, o coordenador encontra-se em uma crise de função, ou seja, não sabe qual o seu verdadeiro papel na escola.

O planejamento como um todo, e também o interdisciplinar, é função sim do coordenador proporcionar aos professores, se não faz esse trabalho, ele está se omitindo em exercer sua função e merece ser chamado atenção. Pois a organização de todo o trabalho pedagógico da escola é função dele enquanto articulador e mediador, de orientar os professores como promover a integração entre as disciplinas, e como se fazer a interdisciplinaridade. Como disse Japiassu (1976) a interdisciplinaridade só se faz fazendo. E esse é um dos seus papéis.

Apesar da interdisciplinaridade ser uma metodologia de estudo muito ampla e complexa, pois cada autor segue uma linha de pensamento e conceitos diferenciados. Mesmo assim este trabalho deve ser considerado, porque surgiu de uma inquietação, da observação em sala de aula e da desnaturalização da temática, pois se fala tanto em interdisciplinaridade, mas não se trabalha interdisciplinarmente. Seguem-se leis e orientações que dizem e valorizam a abordagem interdisciplinar, mas que na prática o que se faz não é interdisciplinaridade.

Se um coordenador comprometido com sua função e consciente do seu papel enquanto profissional da educação trabalhar de forma exímio com estes fatores que foram analisados neste trabalho e tentar superar essas dificuldades, ele dará o primeiro passo para a concretização de um ensino interdisciplinar. Reconhece-se que fórmula pronta não existe, e as dificuldades são muitas para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, mas a vontade de querer fazer e mudar a realidade vale muito.

Teve-se livre acesso a escola, tanto o coordenador quanto a equipe gestora tiveram uma postura muito louvável, pois em momento nenhum se recusaram a dar informações necessárias da comunidade escolar. Somente alguns professores que não quiseram participar

das entrevistas segundo eles por falta de tempo, mas os quatro que aceitaram foram necessários e importantes para que se atingisse o objetivo deste trabalho.

Muitas dificuldades foram encontradas para que este trabalho se concretizasse principalmente no campo de pesquisa, muitos professores se recusam a participar de atividades como estas, tornando-se um tanto desgastante e desestimulante. Muitas das respostas ficam vagas e de difíceis interpretações, as informações não se encontram, a entrevista semiestrutura foi utilizada, mas que no momento de acordo com as respostas dadas pelos entrevistados vão tomando outros rumos. É impossível prever, mas tentou-se ao máximo seguir a estruturação do trabalho. Necessitaria de muito mais tempo de observações. O tempo também foi algo que complicou bastante, foi muito curto, e a complexidade do tema escolhido neste trabalho exigia muitas leituras e muitos recursos, que foram difíceis de encontrar.

Como esta pesquisa ficou restrita aos campos das análises, e foi do tipo etnográfica, sugere-se que possa ser expandida e transformada em uma futura pesquisa-ação. Que os fatores que foram só analisados neste momento sejam revistos e transformados em ações de trabalho, e possam contribuir para uma proposta que visa o ensino interdisciplinar.

A superação de uma prática interdisciplinar requer acima de tudo uma ação conjunta de companheirismo e colaboração, que a “humildade” que Fazenda (2008) tanto fala prevaleça nas escolas e que aos poucos se possa identificar os fatores que impedem a consolidação da prática interdisciplinar como ação pedagógica e de forma gradativa construir um planejamento de forma coletiva interdisciplinar. Para toda essa articulação é função do coordenador pedagógico organizar momentos de planejamentos coletivos para definir as ações que serão implementadas. Pois ele é a figura que representa a liderança da ação pedagógica é o especialista nas diversas didáticas e o parceiro do professor.

## REFERÊNCIAS

BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade** na escola. 2 Edição. Editora Loyola. Soa Paulo, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/compilado.htm). Acesso em: 20/8/2015.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Ministério da Educação. Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 04, de 13 de julho de 2010. Define **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 6.094 de 24 de abril de 2007 – Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE.

Diretrizes Curriculares/Secretaria de Estado da Educação do Maranhão, SEDUC, 3. Ed. São Luís, 2014.

Documento preliminar da Base Nacional Comum Curricular. 2015. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaTextosIntrodutorios> Acesso em 05/11/2015.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Que é interdisciplinaridade?** / Ivani Fazenda (org.). —São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991. Coleção Educar. v. 13.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1994.

FEIGES, M. M. F. **Eleição de Diretores no Paraná: Uma Análise dos Planos de Ação na Gestão das Escolas Estaduais de Curitiba - Triênio 2012-2014**. UFPR: Tese de Doutorado, 2014. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/31891/R%20-%20T%20-%20MARIA%20MADSELVA%20FERREIRA%20FEIGES.pdf?sequence=1> Acesso em: 10/6/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURLANETTO, EcleideCunico. **Interdisciplinaridade: um conhecimento construído nas fronteiras.** International Studies on Law and Education. Universidade do Porto. mai-ago, 2011. Disponível em: [www.hottopos.com/esle8/47-54cl.pdf](http://www.hottopos.com/esle8/47-54cl.pdf). Acesso em 25/07/2016.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p.27-38, jan./mar. 2006.

HAAS, Celia Maria. **A Interdisciplinaridade em Ivani Fazenda: construção de uma atitude pedagógica.** International Studies on Law and Education. CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto. 2011. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle8/55-64Cel.pdf>. Acesso em 10/05/2016.

ISKANDAR, M R Leal. **Sobre o Positivismo e Educação.** Revista Diálogo Educacional, v.3, nº 7, p. 89-94, set/dez. Curitiba, 2002-pucpr.br. Disponível em: <https://scholar.google.com.br>. Acesso em 20/07/2016.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KLEIMAN, A. B.; MORAES; S. E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** Campinas: Mercado das Letras,1999.

LDB (1996). Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, que “Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional”. Disponível em: [http://planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em 10/8/2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. **Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão.** Rev. latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, janeiro 1996.

LIMA, Elvira Souza. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano; organização do documento** JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. **O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas.** Revista de Educação. Vol. 2, nº 4, jul./dez. 2007.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.** 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MEDEL, Cássia RavenaMulin de Assis. **Projeto político pedagógico: construção e implementação na escola.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

MORAES, R. Cotidiano no ensino de Química: superações necessárias. In: GALIAZZI, M. et al (orgs.). **Aprender em rede na educação em ciências.** Ijuí: UNIJUÍ, 2008. (Coleção Educação em Ciências).

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s):** construindo caminhos. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.23.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, E. **Prefácio: coro de vozes**. In (Org.) ALMEIDA, M. C. de, KNOBB, M, ALMEIDA, A. M. de. Polifônicas idéias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ORSOLON, Luzia A. M. O coordenador/ formador como um dos agentes de transformação da/na escola. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **O Coordenador Pedagógico e o espaço de mudança**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. SOUZA, Vera Lucia Trevisan de (Coord.). O Coordenador Pedagógico e a formação de professores: intenções, tensões e contradições. Pesquisa desenvolvida pela Fundação Carlos Chagas por encomenda da Fundação Victor Civita. **Estudos & Pesquisas Educacionais**. São Paulo: Abril, 2011. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/livro2-04-coordenador.pdf>>.

PERRENOUD, Philippe. **Por que construir competências a partir da escola?**

Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades. Curitiba: Editora Melo, 2010.

RAPOSO, Mírian; MACIEL, Diva Albuquerque. **As interações Professor-Professor na Co- Construção dos Projetos Pedagógicos na Escola**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez 2005. Vol. 21 n. 3. Pp. 309-317.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a Natureza e Especificidade da Educação**. In: \_\_\_\_\_ 10ª ed. Pedagogia Histórico-Crítica, SP: Autores Associados, 2008, p. 11-22.

SERPA, Dagmar. **Coordenador pedagógico vive crise de identidade**. Edição especial “Os caminhos da coordenação pedagógica e da formação de professores”. Fundação Victor Civita, Edição Especial, nº 6. Junho/2011.

SOUZA, Ângelo Ricardo de. [et al.]. **Planejamento e trabalho coletivo**. Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitoria de Graduação de Ensino Profissionalizante, Centro de Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Curitiba: Ed. da UFPR. 2005.

## APÊNDICE